

# INTERVENÇÃO

REVISTA DE ANIMAÇÃO  
SÓCIO-CULTURAL

Nº 3/4 2ª Série  
Revista Mensal  
Preço: 40\$00

Março/Abril de 1982



NÚMERO DUPLO

QUE ESPAÇO PARA VIVER?



# RESENHA

## QUE ESPAÇO!

Em Abril falar de Espaço é como uma lufada de ar fresco que nos bate de frente. Ar que ainda respiramos entre muros e torres que cada vez mais nos tapam a vista e nos impedem a comunicação.

Alguns trepam, por aí acima, e do 10º andar assistem ao espectáculo. Mas a distância tolhe a perspectiva. Perspectiva que não é a que vivemos, mas que é cada vez mais essa heterogeneidade de maneiras de pensar e construir o Espaço/Projecto Alternativo. Diferente.

A Primavera chegou talvez a dizer que o calor é possível. Talvez a dizer que está nas nossas mãos fazer da vila, da cidade ou da aldeia um espaço mais envolvente e humanizado onde, logo pela manhã, o largo ganhe animação e vida e troquemos essa vontade forte de nos conhecermos.

A raiz está viva e contém em si o gérmen da transformação que nos levará a novas formas de estar e de mexer — formas de convívio, espaços de encontro, tecnologias adequadas.

Um projecto cultural é necessariamente um projecto libertador, dizíamos então quando falámos do espaço que esta revista ocupa. Espaço/Esperança dos que acreditam que pegar na cultura com as mãos e fazer dela forma de estar e de viver é que é caminho transformador do real.

O diálogo já começou e vai ser alargado.

A Primavera já chegou há muito, o desabrochar é que está aí.

M.R.  
C.F.



Miguel Horta

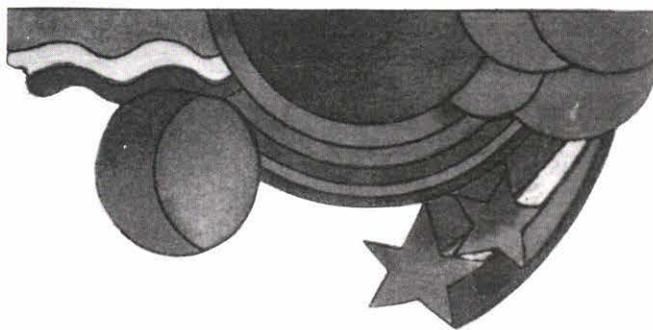


## AOS LEITORES

Como já se devem ter apercebido, a INTERVENÇÃO tem neste momento uma distribuição de carácter nacional, através do DIJORNAL: os nossos leitores e amigos devem, sempre que notarem deficiências nessa distribuição, nalgum ponto importante, informar-nos.

Entretanto, a grande maioria das assinaturas da n/revista terminaram ou terminam neste número; continuamos a enviar a revista nesta nova fase, **mas esta é a última vez em que o fazemos.**

Assim, agradecemos aos nossos assinantes que receberam ou venham a receber uma circular informando-os que a sua assinatura caducou que renovem rapidamente a assinatura sob pena de não receberem o próximo número da revista.



AGRADECEMOS A:  
BISSCHOPPELIJKE  
VASTENAKTIE  
NERDERLAND



## INTERVENÇÃO

MARÇO/ABRIL DE 1982

### DIRECÇÃO

Mário Ribeiro  
Carlos Fragateiro

### REDACÇÃO

A. Santos Silva  
Filomena Viegas  
Henrique Araújo  
Isabel Pato  
José Ferreira  
José Roseira  
Lucília Salgado  
Luísa Nora  
Luís Martins  
Luís Mourão  
Miguel Horta  
Rodolfo Proença de Jesus

DIRECTOR INTERINO  
Mário Ribeiro

DIRECÇÃO GRÁFICA  
E ILUSTRAÇÕES  
Miguel Horta

PROPRIETÁRIO  
Luís Martins

SECRETARIADO  
Helena Verejão

ADMINISTRAÇÃO  
Jorge Azevedo

FOTOGRAFIA  
Mariano Piçarra

PUBLICIDADE  
Isabel Conçalves  
Alfredo Henriquez

COLABORAM NESTE  
NÚMERO

A. Matias  
Carlos Silva  
Constantino Alves  
Ernesto Veiga de Oliveira  
Fernando Capela  
João Fonseca  
José Luís Vieira  
Lino Mendes  
Maria Helena Vinagre  
Maria José Vitorino  
Maria de Lourdes Rodrigues  
Porfírio Alves Pires

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
GRUA, ARTES GRÁFICAS LDA.  
Calç. dos Barbadinhos 114-A  
1100-Lisboa

DISTRIBUIÇÃO  
Dijornal — Distribuidora de Livros  
e Periódicos Lda. — Rua Joaquim  
António de Aguiar 64-2º Dtº  
1100-Lisboa

PREÇO DESTE NÚMERO  
40\$00

ASSINATURAS  
6 N.ºs. — 200\$00  
12 N.ºs. — 360\$00

Preço de apoio — 500\$00

TIRAGEM  
3 500 exemplares

CONTACTO  
PARA PUBLICIDADE  
Telf. 602091

REDACÇÃO EM LISBOA  
Rua de Arroios n.º 88-1º  
1100-Lisboa

CORRESPONDÊNCIA  
Apartado 21064  
1127-Lisboa Codex

O Largo da Vila de Manuel  
da Fonseca PÁG. 4



E se o efémero florisse  
de inverno? PÁG. 5  
A.C.I.D.E. — Um projecto  
de animação em zonas  
prioritárias de urbanização  
PÁG. 7



A cidade no teatro PÁG. 10  
A cidade da felicidade  
PÁG. 13



Leiria — O saque da cidade  
PÁG. 14

Alburitel — O seu povo e as  
suas tradições PÁG. 19

Quanto vale esta cidade?  
PÁG. 20



Em torno da água  
fonte da vida PÁG. 22

Modos de convocar os  
trabalhadores PÁG. 24

O lavadouro PÁG. 24  
António, Lúcia e eu...  
PÁG. 25



O José Ferreira responde à  
carta da Lucília PÁG. 26

Coluna a coluna PÁG. 28

Daqui e dali PÁG. 30

Contributo PÁG. 32

As nossas memórias  
PÁG. 36



MANUEL DA FONSECA  
(CERRO MAIOR)



Mariano Piçarra

## O LARGO DA VILA

Era a época em que todos os anos começavam a aparecer grupos sentados pelo lancil largo da vila. Os homens raramente falavam. Uma que outra frase, lá de quando em quando. A mesma esperança de todos havia em Valmansinho. Mas, ao fim da tarde, voltavam mais taciturnos. Nenhum feitor aparecera a oferecer-lhes trabalho.

Então, aguardavam o domingo. Nesses dias, logo pela manhã, o largo ganhava animação. Grupos de camponeses subiam para a vila. As mulheres, que faziam toda a caminhada a pés nus desde os montes, antes de entrarem nas ruas paravam para calçarem os sapatos lustrosos e de grandes laços. Debaixo das faias grossas e ramalhudas que orlavam a estrada alinhavam-se carros de varais erguidos, a apontar para o céu.

Valmansinho era certo a fazer a roda no grupo do Jacinto Codesso. Calado, ia olhando o movimento. Codesso era quem mais falava. Não estava ali à espera de arranjar trabalho. Era caçador de profissão, embora por vezes se ocupasse em qualquer actividade passageira. Fosse em que época fosse, os filhos, garotos ainda, apareciam nas ruas de Cerromaior a vender

caça, meio às ocultas. Às vezes, Codesso era chamado ao Posto da Guarda. Mas nunca conseguiam provar que caçasse fora da época. No monte onde vivia tinha capoeiras e criação de coelhos — isto impedia o sargento Custódio de provar um delito por todos dado como certo. Bom atirador, onde punha os olhos punha um tiro a sua velha espingarda de cães orelhudos. Apesar disso, todos os companheiros de batidas eram unânimes em afirmar que a cadelita lhe valia por metade da arte. *Farrusca* tornara-se famosa. É a minha enxada, costumava dizer Jacinto Codesso, à laia de elogio.

E Codesso acariciava a cadela, contando as habilidades:

— Isto é bicho que caça sozinho...

Mas a maior parte dos camponeses já havia feito as compras e enchera as vendas do largo. De quando em quando, atraídos pelas gargalhadas dos que estavam de fora, chegavam até às portas.

O motivo do riso era a loucura maísa do aguadeiro, já bêbado, de fralda de camisa fora das calças, ajoelhado diante do burro.

— O meu burro é um santo!  
Cada domingo, a bebedeira tra-

zia novos aspectos à doirdice do Zé da Água. Era uma espécie de bobo da vila. Perante as gargalhadas gerais, obrigava o burro a bater com as patas repetidas vezes no chão e agitava os pés descalços num compasso marcado.

Estavam a dançar o fandango. Por fim parou. Um sorriso alvar escorria-lhe do rosto e dos olhos agudados e era, num momento, substituído por tal expressão de espanto que os olhos mortiços se lhe abriam atónitos.

— Ganha-me o pão e ainda dança que nem um homem! Que é o meu burro?!...

Continua a falar e o animal segue-o, rua acima. As bilhas vão escorrendo, duas de cada lado da albarda. De súbito, Zé da Água salta e dá punhadas no peito, enquanto grita para o largo:

— É mais esperto que vocês todos juntos!

Ajoelha de novo, põe as mãos e atira a voz para as alturas:

— Nosso Senhor mo guardel!...

Os rapazes aparecem de todos os lados, em grande alarido. Querem demorar a cena:

— Xó, burro! Ai, xó!

No largo e na rua ressoam risadas até o aguadeiro desaparecer.



# ESPAÇO/VIDA



Ao nos propormos abordar o espaço de vida das pessoas, o seu papel condicionante ou libertador, partimos da constatação da importância que esse espaço, o seu conhecimento e as suas possíveis utilizações, têm na amplitude de qualquer acção cultural que queiramos levar a cabo.

Ainda que não pensando esgotar o tema, quisemos trazer para este trabalho diferentes abordagens e perspectivas. Interessa-nos fundamentalmente saber até que ponto a realidade espacial, as suas sucessivas transformações, têm influenciado os hábitos de vida das pessoas, o convívio, as suas manifestações. E conhecer esta realidade, possuir os instrumentos que permitam a sua análise, é condição sine qua non para uma efectiva prática/teórica da acção cultural.

Animar uma Comunidade é transgredir o espaço de vida das pessoas, levá-las a quebrar a rotina, pô-las a problematizar a sua própria vida. Transgredir o espaço de vida das pessoas é recuperar os espaços de convívio e de festa, quebrar o isolamento em que cada vez mais cada um de nós se vai fechando.

## E SE EFÉMERO FLORISSE DE INVERNO?...

MARIA JOSÉ VITORINO

"Questa, c'oggi i vostri occhi mirano, amici, in un paese instabile à l'effimera moda e nom durabile"  
Antonio Abati, poeta, Roma s. XVII

Estes versos chegam-nos numa época em que o efémero existiu, e em abundância. A palavra (do grego *ephemeros*, "que dura um só dia") só mais tarde passaria de adjectivo a substantivo, deixando de referir-se a acessos de febre violenta para significar cores e sons, festa, artifício e fracasso, imaginário urbano. É pelo menos com este sentido que surge referida na imprensa italiana, nomeadamente num artigo de há alguns meses atrás (Novembro 1981), no *L'Espresso*. Nele se registam variadas sugestões para esse "efémero", apostando-se na sua presença, urbana sempre, também no inverno.

Para tal, fez a revista uma recolha de propostas em várias cidades ouvindo pessoas que vão dos "assessores para a cultura" ligados às autarquias a escritores, pintores, arquitectos e gente ligada à música ou ao teatro, à moda ou ao ensino.

Demos uma espreitadela, e talvez valha a pena reparar nessas



Mariano Piçarra

propostas, embora de terras e invernos bem diversos destes nossos.

### VELHOS USOS, NOVOS ESPAÇOS

Neste campo, há quem sugira o alargamento da prática de reserva dos centros históricos a peões, patinadores e ciclistas aos bairros periféricos, promovendo refeições públicas e espectáculos de saltimbancos a engolidores de fogo. É

também neste sentido (de ampliar experiências já feitas) que surgem as propostas de grandes espectáculos, só possíveis com apoio dos poderes locais, como a de uma grande comédia musical... numa grande avenida, e a de um super-espectáculo à volta da figura de Leonardo da Vinci, com corpos de baile e música de Verdi tocada pela filarmónica da cidade.

Com algumas variantes, a revitalização dos 'centos históricos' das cidades surge aqui e ali, havendo



## E SE EFÊMERO FLORISSE DE INVERNO?...

mesmo quem sugira ocupá-los com feiras, diferentes todas as semanas, mas sempre coloridas (pássaros, flores, artesanato, etc.) e incluindo feiras de trocas. E nem aqui se escapou à "moda" dos anos 70, a 'descentralização' — e fala-se de utilização de grandes teatros com espectáculos dedicados alternadamente a cada uma das regiões-satélites da cidade, promovendo-se o transporte (público) dos seus habitantes!

### NOVOS USOS, VELHOS ESPAÇOS: Cinema, Teatro, Café, Igreja, Museu, Biblioteca...

Iluminar melhor os monumentos, usando criatividade e audiovisuais; criar um teatro transformável, por exemplo, em atelier; promover representações,



Mariano Piçarra

concertos, danças, apresentação de textos e poemas de todos os tempos, em cafés, igrejas, cine-



Mariano Piçarra

mas, bibliotecas, museus; abrir museus e bibliotecas também à noite, ocupando-os com acções diversificadas, da sala de leitura à resenha cinematográfica, dos concertos da jazz à música clássica, até à promoção de diferentes formas de olhar um quadro ou uma colecção.

Mas a maior riqueza vem das propostas de utilização das Praças, de tal forma que esse espaço, tradicional, se transformaria de novo, deixando de ser usado exclusivamente para estacionamento, passeio ou, como no caso de P. Navona (Roma) local de venda ambulante durante o Natal (aqui propõe um escritor que se realize, em vez de tal mercado, um festival de pequenos teatros de marionetes durante a quadra.

### NOVOS ESPAÇOS

Os subterrâneos e o Metro são constantemente referidos, como espaços aproveitáveis para quase tudo, desde os laboratórios de pintura aos espectáculos de pequeníssima duração (mimos, sketches ou secções informativas sobre as acti-

vidades dos bairros).

Entre uma proposta de uma pista permanente para a patinagem no gelo e outra de construção de um pavilhão consagrado apenas ao imprevisível, ao jogo, à confusão de temas e linguagens, ao kitch, ou, apenas, de um espaço onde se pudesse... conversar, sem a interferência de espectáculos, já que esse é um hábito condenado numa sociedade industrializada, entre uma e outra proposta, dizíamos, saliente-se um tema: a CASA.

Isso mesmo, a casa, e a propósito de efêmero e de urbano, parece que o problema da habitação predomina, lá como cá, mesmo naqueles que falam de espaços bem maiores que os apartamentos dos subúrbios.

E surgem dois exemplos de festa sobre este tema, o primeiro com um espectáculo, com actores, sobre "a nova anarquia no modo de habitar", o segundo com uma enorme festa sobre o tema da casa, "contaminando" a maior praça, onde se construiria uma torre em volta da qual se realizariam todos os ritos tradicionalmente consagrados à inauguração da casa e ao pau-de-fileira. Seguir-se-iam os "jogos" da



lei: processos judiciais, normas legais, etc., e, por fim, a especulação com a venda das habitações.

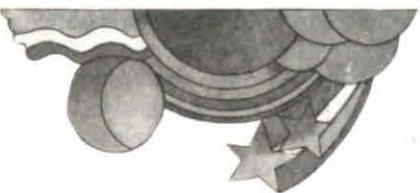
O autor desta proposta, o bolonhês o escritor Roberto Roversi, apoia-a dizendo que "vivemos numa situação paradoxal, onde a festa não é já um divertimento mas um dever. Parece absurdo, mas hoje já não se pode brincar com a festa, com o efémero".

No entanto, há ainda quem se permita brincar, pois a poucos parágrafos de distância dois arquitectos desafiam os cidadãos a um jogo, passado num dos maiores armazéns, onde espalhariam objectos dos mais consagrados designers italianos. Ganharia o jogo quem os conseguisse distinguir da tralha habitual, dos trituradores de carne ou dos suportes de papel higiénico.



Mariano Piçarra

Mas a observação de Roversi permanece: poderemos, com o peso do urbano que é o nosso (e aqui também, já vai pesando...), "brincar" com a festa, ou, sequer, falhá-la?



# A.C.I.D.E. UM PROJECTO DE ANIMAÇÃO EM ZONAS PRIORITÁRIAS DE URBANIZAÇÃO

## BREVE HISTORIAL

Uma das preocupações do S.E.R.L. — Sociedade de Equipamento da Região de Lyon, orientadora da ZUP dos Minguetes — era fazer conhecer melhor a ZUP (1) aos seus habitantes com o fim de reflectir com eles um melhor funcionamento.

Neste quadro, o grupo ACIDE — Animação, Criação, Intervenção, Difusão, Estudos — desde de Outubro de 1972, assumiu várias tarefas:

— uma respeitante às orientações tais como a sinalização,

espaços de jogos, passagens de peões;

— a outra sendo o lançamento de uma acção de informação junto dos habitantes.

## PROJECTO DE ANIMAÇÃO

A equipa ACIDE elaborou um projecto tendo por tema "Conhecer e Transformar o Bairro". Tratava-se de desenvolver uma acção de informação e de animação tendo por principal suporte a escola, sendo as crianças entre as mais utentes da ZUP, e representando a nova população do amanhã.



Mariano Piçarra

Alguns meses de experiência com as escolas e CES (2) na primavera 73 permitiram melhor controle do processo e o relançar deste trabalho em 1974, com novos meios.

Para continuar esta acção a SERL recebeu apoio do Fundo de Intervenção Cultural. Paralelamente, o grupo ACIDE decidiu prosseguir com a colaboração da Federação Departamental dos leais e sinceros amigos do Rhône.

O trabalho de animação em meio escolar, retomado no 3º trimestre 73/74, desenvolveu-se assim até ao fim do ano escolar 74/75, no quadro do 3º tempo pedagógico para o primário, e os "10%" no CES. Os temas abordados foram os seguintes:

- apresentação das transformações realizadas na ZUP — espaços, jogos, sinalização, etc ;
- conhecimento das funções do funcionamento de uma cidade;
- apresentação de transformações com o fim de modificar certos aspectos do meio.

Na sequência deste trabalho, foi efectuado um balanço positivo de conjunto. Os diferentes representantes interessados — SERL, municipalidade, Educação Nacional, associações promotoras — têm manifestado uma opinião favorável para que tal trabalho de sensibilização possa desenvolver-se a longo prazo, desta vez no quadro de uma associação local cujas estruturas e campo de actividades ficam por definir.

### **Evolução do Trabalho Pedagógico nas Escolas: as visitas aos projectos.**

Elas tinham como finalidade dar a conhecer e descobrir às crianças, os elementos necessários no funcionamento de uma cidade, na sua ZUP. No último trimestre 73-74, a organização das visitas para as escolas era um dos sectores mais



Marianne F. yaffa

importantes da animação "conhecer e transformar o bairro". Colocando à disposição um autocarro, enquadramento qualificado, material audio-visual, e encarregando-se da organização, a Equipa de Animação obteve um acolhimento favorável de um grande número de docentes relativamente às propostas lançadas.

É através da acção, (organização das visitas, trabalho em reuniões, contactos informais) que se pode

evoluir, conhecer-se melhor e em seguida com um certo número de docentes, pôs em funcionamento projectos que seriam elaborados em comum. Tornou-se evidente — uma vez mais — que a acção concreta, mesmo pouco ambiciosa, constitui o melhor ponto de partida para a reflexão e acção a longo prazo.

Assistimos assim a um processo que partindo de actividades de tipo bastante escolar (as visitas) e tra-



## PROJECTO DE ANIMAÇÃO EM ZONAS PRIORITÁRIAS DE URBANIZAÇÃO

tando de problemas gerais de funcionamento ("o conhecer") evoluiu, dando lugar a numerosos contactos entre docentes e animadores, com vista a actividades mais globais, integrando-as na vida da turma.

Nesta altura, em certos casos, a animação "conhecer e transformar o bairro" tomou o verdadeiro sentido, porque as crianças conseguiram modificar alguma coisa no seu meio ambiente; principalmente:

— a criação de jardins no interior das escolas, no âmbito da sensibilização aos espaços verdes;

— a sensibilização ao urbanismo num CES e um projecto de ordenamento de um terreno;

— o arranjo do pátio da escola pré-primária de Léo Lagrange;

— as pinturas murais no ZUP.

Este tipo de trabalho pedagógico, para se pôr em funcionamento foi longo. Preparado no princípio do ano escolar 74-75, concretizou-se sobretudo durante o último semestre. Porquê? Constatou-se que foram necessários vários meses até que os professores compreendessem quem eramos e que trabalho poderíamos efectuar com eles.

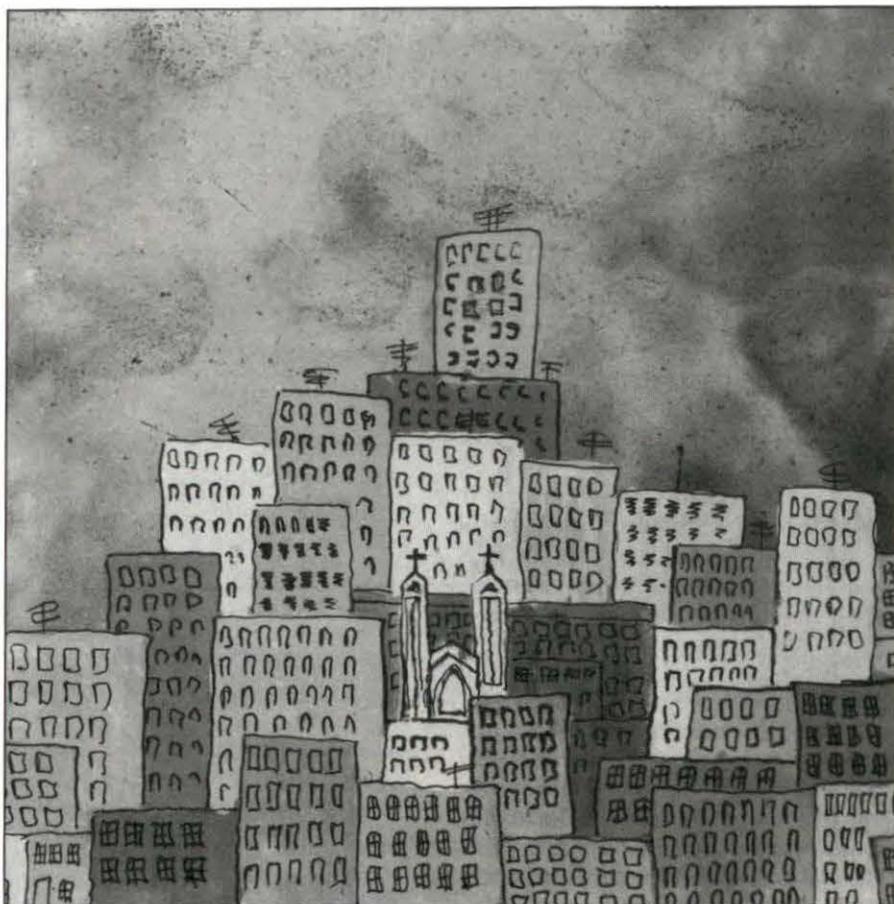
Depois desta experiência de animação, e olhando para aquilo que se desenvolveu nas escolas, podemos dizer que uma animação desta natureza, não é viável sem existirem meios que permitam concretizar no terreno, ideias, projectos que nascem nas escolas. Não pode permanecer apenas como simples informação.

Não podemos abordar os problemas de funcionamento, de manutenção, de um espaço de vida de um bairro limitando-o ao modo de utilização de um determinado objecto, acabado, e estes problemas não podem ser tomados em conta senão a partir do momento em que os utentes, habitantes se apoderem do que os rodeia, imprimindo-lhe a sua própria marca.

Poderíamos citar um exemplo das pinturas murais, em que ao fim

de vários meses, dos quais dois meses e meio de férias, as degradações são quase nulas, o que não impede de continuar a escrever, desenhar, sobre as paredes cinzentas...

nua, estágios? — a fim de permitir a troca entre interlocutores tão diferenciados como seja pedagogos, beneficiários, responsáveis de Associações, representantes eleitos, promotores, sem que no



Miguel Horta

Ao longo das diferentes acções, o nosso papel enquanto animadores, consistiu não em realizar nós mesmos as operações delineadas, mas em estabelecer a relação entre os diferentes elos de diferentes cadeias, para que num dado espaço as diferentes estruturas se pudessem encontrar e realizar alguma coisa em comum (espaços verdes, pinturas, melhoramentos...). Como perspectiva seria interessante que esta função continuasse a ser assumida, mas talvez fosse bom considerar momentos mais formais de encontros — seminários, formação conti-

entanto esta forma se torne institucional e permanente.

### NOTAS do tradutor:

- (1) — ZUP — zonas prioritárias de urbanização
- (2) — CES — ensino secundário

extraído de:  
*"La Jeunesse et l'espace urbain"*  
journées artistiques  
Sèvres, avril 78-79  
Nº 2 — 1980

Tradução de  
Maria de Lourdes Rodrigues



# A CIDADE NO TEATRO

## UMA METODOLOGIA DE ABORDAGEM

O sentir da cidade foi a primeira abordagem. Os seus prédios, as torres, os ruídos, a vida apressada das pessoas, o comércio que é o seu factor de permanência e motivação. É a sociedade do espectáculo tornada realidade.

E o "Saque da Cidade..." tornou-se vida. A motivação passou do sensorial para o visual, as sensações tornaram-se mais conscientes e começaram a ser a pouco e pouco elaboradas.

Depois foi o começar a sentir que na cidade do barulho existia a solidão. O desespero entre as quatro paredes brancas dos quartos alugados tornava-se pouco a pouco paranóia.

O puzzle que iria permitir a construção do espectáculo começava a ser criado. Peça a peça, sensação a sensação.

Durante todo este tempo a cidade crescia, os prédios avançavam, as "torres" começavam a tapar os horizontes, e pouco a pouco a teia começava a limitar-nos, os espaços começavam a desaparecer. Não há mais trajectos possíveis na cidade.

### NA CIDADE DO TEATRO...

Começámos a criar o espectáculo fundamentalmente a partir das sensações. E foi das sensações que partimos para a criação das imagens, das situações de jogo.

Não foi por acaso que assim começámos. Este conjunto de sentires permitia-nos partir para um trabalho de criação conjunto a nível do grupo que queríamos que funcionasse como um "colectivo".

Definimos como objectivo prioritário o partir para uma metodologia da criação onde cada participante seja e actue como um criador. Isto implicava um trabalho de permanência a nível de todo o grupo e que passa pela pesquisa conjunta dum código que se torne comum, onde cada um dos intervenientes coloque os elementos específicos do seu código de comunicação. Esta pesquisa é o primeiro passo para uma circulação permanente de informação entre os diversos intervenientes, para uma troca de práticas possíveis e instrumentos capazes de a levar à prática.

Esta acção conjunta não significa a diluição do todo de cada um dos intervenientes na produção teatral, antes pelo contrário; ao tomar conhecimento do todo, ao assumir-se como parte inteira desse todo, a especialidade afirma cada vez mais a sua acção específica, tornando-se mais coerente e



Jose Francisco Beja

eficaz. A cenografia, a música, a dramaturgia, o jogo/representação e a encenação, ao integrarem-se num todo que implique de cada um uma atitude criadora, têm campo para cumprirem integralmente a sua função. A investigação e a sua experimentação prática têm um

lugar preponderante neste trajecto.

### A PROCURA

A cidade era para nós um espaço de "procura". A procura da casa que não há, dos espaços que não temos, do sossego que não conse-





Jose Francisco Beja

guimos. Sentíamos muito a falta de casas... a procura desesperada por que toda uma geração tem passado. Foi daí que partimos. Transformar essas sensações em imagens.

No princípio trabalhámos o que mais tarde viria a ser o meio do espectáculo. No estrado — um actor e um guarda-chuva. **"É você que tem uma casa para alugar?"**. Esta foi a frase chave para o arranque e que foi repetida até ao desespero. O guarda-chuva foi aberto no climax como que para proteger, qual útero materno, o homem que chegado à cidade se sentia cada vez mais só.

Mas o guarda-chuva aberto é uma tentação. E logo atrás dele surgem as diferentes respostas, como bonecos que nas cidades repetem incessantemente o mesmo: **"Se tivesse vindo há mais**

**tempo..."**, **"é completamente impossível..."**, **"coitadinhos..."**, **"realmente é um problema..."**, **"Casas... Ah... Ah... Ah...Casas... Ah... Ah... Ah..."**, etc.

E é deste guarda-chuva/biombo/palco de fantoches, que partimos para a criação duma outra imagem: **"A roleta da cidade ou a cidade da felicidade"**. O guarda-chuva é a roleta, mas outros guarda-chuvas surgem e ao serem pendurados permitem-nos construir uma cidade **outra**.

Foi um pouco assim que fomos criando o espectáculo. As imagens que surgem no jogo da improvisação. O agarrar destas imagens para criar outras, até que fosse possível começar a sistematizar. E criar é um pouco isso: relacionar d'outro modo os elementos que vamos agarrando no real, as imagens que vão surgindo no jogo. O importante

é abrir a torneira.

É aquilo que chamamos o trabalho de improvisação. O que implica por parte do actor, o desenvolvimento duma capacidade de resposta rápida, profunda e criativa aos estímulos com que se confronta. É na aquisição do domínio desses instrumentos que o actor forma e alicerça a sua maleabilidade e disponibilidade, a sua capacidade de adaptação e resposta.

## A SOLIDÃO

A cidade, a teia que se vai criando, a ideia de prisão que vamos tendo, a parede que a pouco e pouco se vai construindo à nossa volta, começa a fechar-nos aos poucos e poucos. A prender-nos sem nós darmos conta.

Mas na cidade já há outras prisões. **"Mas porque é que tu não**



vens... Tu prometeste. Porque é que me fazes esperar? Estou farta das paredes, desta cama, deste quarto. Não tenho ninguém para conversar. Anda, vem falar comigo um bocadinho. A mesa já está posta e fiz bifes de cebolada para o jantar. E as flores dão um ar de alegria a este quarto."

Sim. Foi a solidão que percorreu o espectáculo de princípio ao fim. O homem que parte do campo e a mulher que fica... fica sempre. "É sempre a mesma coisa. São sempre as mulheres que ficam. As mulheres, os velhos, as crianças. Sempre a ver partir e a ver chegar". (...) "E isso também farta. A gente só de esperar também se cansa."

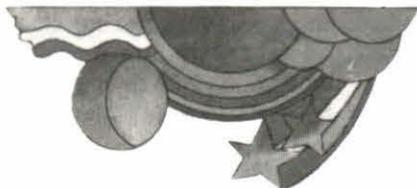
Sim. Foi a solidão que nos preocupou sempre. A solidão nos desejos que não são realizados. "Ai quem me dera ter um largo..."

E procuramos a solidão tornada paranóia. Procura que nos levou ao contacto com a paranóia tornada realidade. "Anda... vem depressa... Há tanto tempo que estou à tua espera. Sinto-te. O teu respirar, as tuas mãos suaves passarem no meu corpo. Anda. Vem depressa. Sinto-te. Tens de vir. Não me podes deixar sozinha neste quarto. Estou farta das paredes. Não me falam. Só me mostram sombras... Vem. Depressa. Não aguento mais sozinha."

### UM ESPECTÁCULO DE IMAGENS E SENSações

Esta foi, ainda que de forma sintética, uma primeira abordagem à cidade. Uma abordagem teatral que articulasse, duma forma dinâmica e harmoniosa, as imagens, o ritmo da sua sequência e os elementos surpresa que vai possuindo, como um maestro que vai compondo na pauta musical a sua última composição.

Porque a cidade é bonita.  
Como é bonita a cidade.



# COMO É BONITA A CIDADE

LUÍS MOURÃO

Às vezes o teatro nasce, veloz, vertiginosamente veloz, do quase nada. Depois a gente senta-se e escreve um pequeno gesto matinal. Um pequeno sonho confortável. Ou o corpo a baloiçar no espaço, a conhecer as coisas passando-as nas veias com o sangue. Duma qualquer maneira a inventar também as coisas. Os riscos, os ritos, os ritmos de todas as coisas.

"Como é bonita a cidade" foi olhar à volta.

Virar esquinas e devagar deixar vir a rua. As ruas. As casas por dentro das casas, pelas paredes, por dentro do estuque até ao que se grava no coração. Nos corpos, nos inúmeros corpos da cidade.

Falamos de cidades inventadas aqui, sonhadas no corpo. Uma cidade qualquer algures, com fios de teia em toda a volta.

A cidade atrai-me, mas se vou levo sonhos de reserva.

A cidade já me trai ou nem tenho sonhos na reserva.

Todos os lugares têm muitos lugares.

Todas as cidades muitos espaços. Em cada espaço se joga uma história. Fugaz.

Subiu ao palco, breve, curta como um gesto. Possível de se descobrir dia-a-dia sob as luzes. Algumas palavras, alguns gestos e ternura, algum ódio.

Memórias. Pequenas riquezas.

E aquilo que me é querido, sabes bem, pode para ti não o ser, mas eu sei lá quem é que vai morrer primeiro.

# A CIDADE DA FELICIDADE

CARLOS FRAGATEIRO  
CONSTANTINO MENDES ALVES

Casas, prédios, quartos de alugar, automóveis, tróleis, carros eléctricos. Tudo isto existe na minha cidade. A cidade da felicidade.

Eu fiz a cidade assim.

As pessoas a correr dum lado para o outro. Que felicidade! Poder correr... correr sempre... e com um sorriso nos lábios.

Correr dá saúde e faz crescer. E como somos grandes... tão grandes... somos enormes.

Na minha cidade... a cidade da felicidade são todos felizes e têm tudo o que querem. Prontos-vestir, restaurantes, cantinas, discotecas, cinema e até algum teatro.

A você falta-lhe alguma coisa...

claro que não... e se lhe faltar tem milhares de sítios para o poder comprar.

Se não puder pode sonhar. E na nossa cidade todos podemos sonhar com o carro que não temos, o vestido de que gostamos, a casa que necessitamos.

Sonhar é também viver. E nós queremos viver. E na minha cidade todos têm de viver.

O método do sonho é uma maravilha. Sempre sonhei ter uma cidade e consegui. Uma cidade com prédios altos... com barulhos, com muita gente.

Ah! Como eu gosto de ter gente à minha volta. E só fico contente quando não couber mais ninguém

na minha cidade. Então ponho lá fora um letreiro

**LOTAÇÃO ESGOTADA — AQUI SOMOS FELIZES**

Sempre sonhei ter um carro e consegui. Sempre sonhei ter uma casa e consegui. Sempre sonhei ter uma cidade e ei-la. Só me enganei uma vez. Sonhei ser empregado de finanças e dei em proprietário.

Podem-me dizer: mas o senhor teve muita sorte. É claro que é preciso ter sorte. Ter sorte é arriscar. E só os que arriscam podem ganhar. Ganhar a felicidade... ganhar dinheiro.

O senhor não tem muito dinheiro?

Então aposte. Apostemos todos.



Jose Francisco Beja



Apostemos no grande jogo da sorte e do azar. O jogo que nos põe nervosos, agressivos, ansiosamente felizes.

Senhoras e senhores convosco a fantástica, a maravilhosa,

**A GRANDE ROLETA DA VIDA**

Quem não arrisca não pestica. Petisqueemos todos. Engulamos a sorte com prazer.

Vamos todos apostar. Apostar na grande roleta da vida. Onde tudo é complexo e difícil. Onde tudo é arriscado.



José Francisco Beja

Ao fundo está Laura para nos vender os sonhos da sorte, as senhas com números, pois na roleta da vida os números dão prémios e os prémios dão números.

Lá atrás está Claudine. A graciosa Claudine. A minha partenaire de sempre.

Convosco senhoras e senhores  
**A GRANDE ROLETA DA VIDA:**

*(de Como é bonita a cidade)*



# LEIRIA: O SAQUE DA CIDADE

Ausente dos chamados grandes meios da comunicação social, como acontece a muito trabalho que com uma certa profundidade se vai levando a cabo por esse país fora, e, como diziam os seus organizadores, para "**acreditar que finalmente as necessidades momentâneas não devem ditar a refiguração da cidade, mas adaptar-se a ela, utilizando para isso a inteligência e a imaginação, ou seja, o contrário da estreiteza que assiste à pilhagem**", foi em Leiria em 1977 "O Saque da

**Cidade de...**"

Reavivar as imagens da cidade, ela foi também recolha dos diferentes trajectos, das suas transformações, numa primeira abordagem metodológica às diferentes vicissitudes por que passou o tecido urbano e social de Leiria. Abordamo-la agora para que o trabalho realizado, que nos parece ter cada vez mais actualidade, não continue esquecido nas caves da Câmara Municipal da cidade.

Realizada em forma de exposição em 1977, o "Saque da cidade



de Leiria" começou, ainda que sem se saber se iriam fazer um livro, um filme ou uma exposição, pela recolha de imagens antigas da cidade e a procura dos mesmos locais na actualidade, procurando o ponto exacto onde estava o fotógrafo anterior.

Enquanto este trabalho se desenvolvia aconteceu que a Comissão Administrativa da Câmara pediu um trabalho a um arquitecto de Lisboa para um plano director da cidade. É este facto que permite que a Câmara tome contacto com o trabalho a partir da sugestão do referido arquitecto. Daí surge o convite para fazerem uma proposta concreta. Foi então que se propuseram fazer uma exposição.

De qualquer maneira, uma exposição que é a memória viva duma cidade, continua fechada nas caves do poder local, à espera que a humanidade e os ratos a destruam definitivamente. Uma exposição cujo rigor levou a que chegassem a reconstituir uma planta de Leiria datada de 1809 e que tinha sido feita pelos ingleses. A planta estava errada a nível das escalas e eles, ao reconstituí-la, corrigiram esses erros.

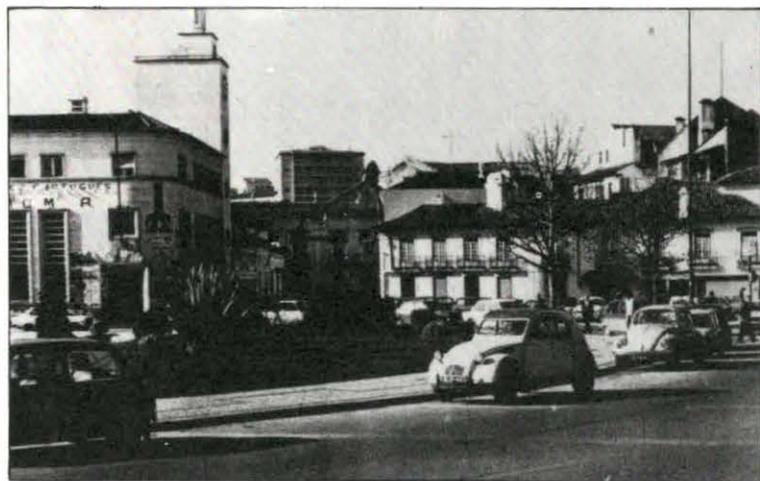
### AS METODOLOGIAS

A equipa dividiu a abordagem da cidade em vários temas. Considerando várias partes da cidade e os vários tipos de construção, abordou aquilo a que chamaram **as vicissitudes dum local**, mostrando as várias transformações que o local tinha sofrido, os vários espaços de que a cidade tinha sido espoliada.

Partindo do local para o geral, abordou as modificações que, a nível das vistas gerais, iam aparecendo. A subida dos prédios, a degradação da beleza arquitectónica e a destruição de prédios com interesse arquitectónico que eram substituídos por outros de

A primeira parte da exposição, mostra-nos AS VICISSITUDES DUM LOCAL. Procura ilustrar as atribuições dum sítio, em que à parte os alinhamentos e a silhueta do castelo, nada permanece que testemunhe da vivência dos homens, dos seus horizontes e do seu quotidiano. Casas seculares, duma simplicidade austera, que foram o receptáculo do recordar e do sentir de populações inteiras, desapareceram, sem deixar outros traços além das fotografias e gravuras aqui reproduzidas.

O resultado é um empobrecimento que se reflecte em todos nós, dado que a destruição da Cidade é a destruição da memória, ou seja, da sua fonte de personalidade e vida



"O SAQUE DA CIDADE"

nenhuma beleza. Foi o que chamaram de **substituição da cidade**.

Mas os pátios foram desaparecendo, os espaços foram sendo ocupados, as **acumulações** foram-se sucedendo na cidade. Uma cidade que, no princípio do século, ainda foi **preenchendo os espaços**

**vazios** respeitando a natureza, onde as casas acompanhavam as vias de comunicação e eram feitas à medida das pessoas. Hoje, como dizia uma senhora de 90 anos a ver a exposição: "**pois é, filho, antigamente as pessoas faziam as casas para viver, agora fazem-nas para**



A vida da Cidade era duma calma campesina, feita de gestos simples, como se vê na recolha da água e no caminhar ronceiro junto à Fonte Grande.

Hoje perante a impertinência ruidosa das ruas e a agitação dum quotidiano que se quer mais produtivo, não podemos deixar de ficar pensativos sobre a orientação dos nossos tempos. Sem lamentar factos consumados, nem lamuriar regressos a uma época que não se repete, parece no entanto, que podemos falar da direcção dum progresso que tem sido a mercantilização do nosso estar.

O nosso trabalho incessantemente vendido e os nossos objectos incessantemente comprados, são o ciclo de uma existência em que se deixou de ter o tempo de viver.

Por isso, a história dissolve-se na informação oficial, os monumentos agonizam transformados em decoração dum espaço que não é o deles, e, as pessoas, sem a identidade que lhes dava memória e raciocínio, vêem indiferentemente desaparecer os seus documentos vivos — o costume, a cidade e a linguagem.

Esta mulher de Leiria, vagando num cenário que já não lhe pertence, arrumará um dia o seu fato numa gaveta, e nós, para sabermos como vestiam os habitantes, teremos de consultar um livro na alguma biblioteca.

Ela levará consigo uma das nossas riquezas que era a nossa consciência de indivíduos integrados numa tradição original. Levará também uma parte do nosso saber, pois nos dias de hoje, talvez a Cultura seja ela



"O SAQUE DA CIDADE"

os outros viverem".

Abordaram ainda as **degradações dos locais**, visualizando o fim da harmonia que existia e as **ruas**. "Enquanto antigamente as ruas eram vias de comunicação entre as pessoas, agora são vias de separação. É preciso encontrar uma ponte para se passar. Dantes havia uma relação muito grande entre as casas e as ruas. As portas estavam sempre abertas. Havia espaços de comunicação".

## AS GENTES

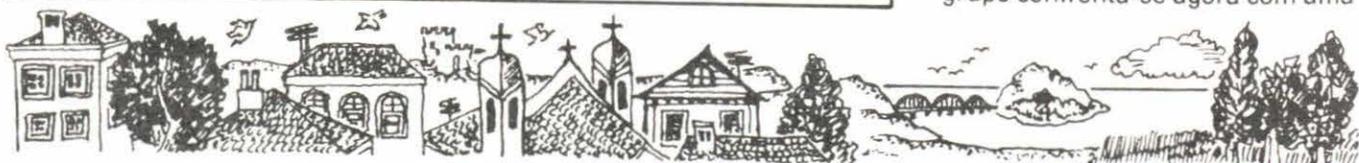
Mas de que forma esta transformação espacial se reflecte e influencia, os hábitos de vida das pessoas? É a resposta a esta questão que me parece ser o ponto para trabalhar a seguir, a investigar. A sucessão e a transformação vivencial duma cidade não se compõe dum somatório de fachadas e de praças. Compõe-se fundamentalmente de pessoas, cujos hábitos vão sofrendo transformações. E não é por acaso que a incomunicação cresce.

Eles dedicavam uma parte da exposição às pessoas. E foram vendo que elas iam desaparecendo da rua. A rua desaparecia como espaço de convívio. Se nas fotografias antigas as pessoas conversavam na rua, hoje estas são sinal de passagem.

Por exemplo a Praça Rodrigues Lobo. Havia uma fotografia com grupos a conversar, cheios de calma, era a sala de visitas de Leiria. Hoje é um monte de confusão, um parque de estacionamento de automóveis. Ainda por cima destruída por uma estátua posta lá no meio e que a corta totalmente.

## E AGORA?

Isto foi em 1977. Sentimos que nada foi feito com tanta profundidade a este nível no nosso país. O grupo confronta-se agora com uma





FOTOS DE:  
JOSÉ MARQUES DA CRUZ



Se dissermos que se fez em Leiria uma **SUBSTITUIÇÃO DA CIDADE**, haverá quem escute incrédulo tal afirmação. A Cidade dir-se-á que evoluiu, seguiu de mótu próprio em função das necessidades que foi sentindo. O certo é que de um bairro inteiro nada ficou, salvo um troço de casa ou de muro. Das ruas que respiravam recato e harmonia apenas se queda um espaço novamente traçado rectilínio e frio. Deve-se isso, ao facto da Cidade ter deixado de ser considerada como o local humanizado ao qual se moldam as necessidades e os habitantes, para se tornar um objecto incessantemente transformado, vagando ao sabor dum gosto que é apenas a actualização do seu valor mercantil. Entrada nesse circuito, a Cidade histórica, reflexo das gerações que por ela passaram é substituída por uma amálgama de materiais e espaço, que é a Cidade provisória onde vivemos.

exposição encaixotada e fechada no armazém.

Ainda pensaram fazer um livro. Vamos lá ver. Continuam a trabalhar e alargaram o trabalho nos arredores. De qualquer maneira e o que gostariam mais de fazer era a história do Portugal desaparecido.

Mas ouvimos muitas vezes, no meio de sonoras gargalhadas, "quando tivermos subsídio".

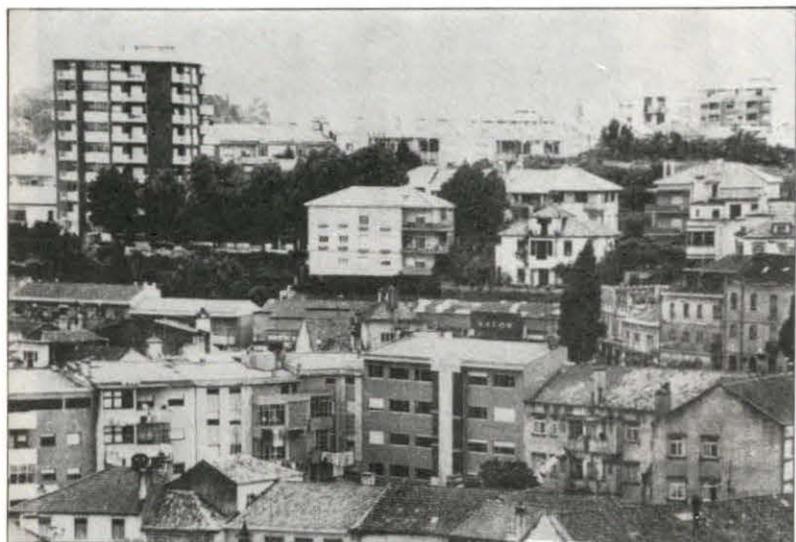
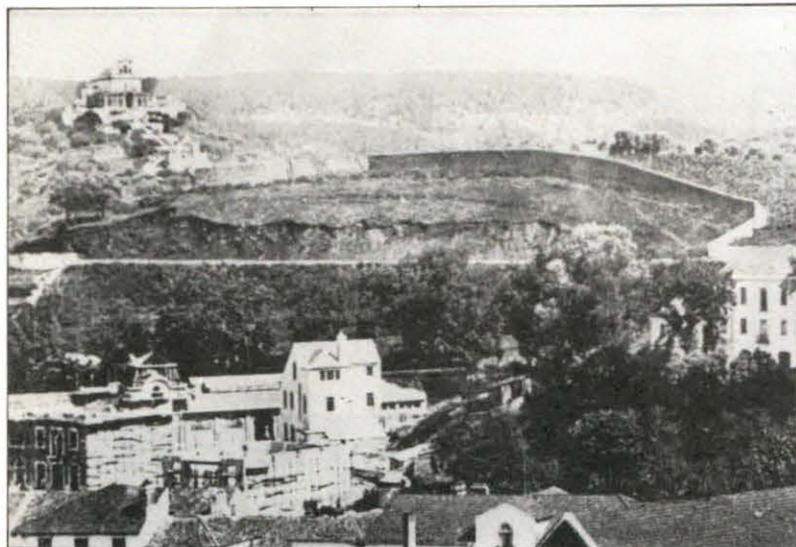
Por vezes, sem que as demolições sejam importantes e o tecido urbano se modifique, as **ACUMULAÇÕES NUM ESPAÇO PREENCHIDO**, tornam esse espaço rapidamente irreconhecível. Tal se deve à ocupação dos antigos pátios, jardins e almoinhas, por prédios, cuja concepção está totalmente fora do espírito do local.

Planeados abstractamente em função dum orçamento e não duma Cidade, irrompem absurdos, criando nos bairros onde surjem insolúveis problemas de infra-estruturas. Assim multiplicam-se os carros em sítios que os não comportam, o estacionamento impede a circulação e os peões vêem desaparecer a rua que foi deles.

Finalmente, as zonas verdes, essenciais ao metabolismo dum aglomerado crescente, vão desaparecendo. Ainda se está no entanto a tempo de recuperar, aproveitando o que resta de jardins e integrando-os no espaço comum, concorrendo-se assim para a estética, o lazer e o respirar da Cidade.



## "O SAQUE DA CIDADE"



Uma cidade que se desenvolve precisa de crescer. Esse crescimento vai normalmente resultar no **PREENCHIMENTO DOS ESPAÇOS VAZIOS** contíguos à cidade, que são em princípio, as áreas naturais da sua expansão. A forma desse desenvolvimento foi espontaneamente encontrada numa adaptação do homem à geografia local.

Através dos tempos, foi-se moldando ao terreno, retirando deste os materiais de construção com que edificou as casas, dispondo-as nas vias de acesso que vão constituir as ruas e finalmente criando as ramificações, os largos e as praças, que vão originar os novos centros.

A antinomia deste crescimento é a criação de blocos artificiais nos horizontes, desrespeitando o espaço dos monumentos e terraplanando os montes envolventes. Esses blocos, grosseiramente ligados por simulacros de ruas, formam bairros que não possuindo os atributos de uma vida autónoma tornam-se dependentes dos antigos. A consequência imediata é um excesso de procura nos velhos centros, tornando-os entrepostos comerciais onde a especulação e a destruição consequente são a ordem natural do seu evoluir. Simultaneamente, na periferia acumulam-se dormitórios que só participam na Cidade ocupando-lhe espaço e criando reservas humanas onde se vive mal.

Salvo em casos raros foi este o modelo que se seguiu com uma profusão máxima de defeitos, sendo Leiria um caso exemplar que ilustra: como não deve crescer uma cidade.

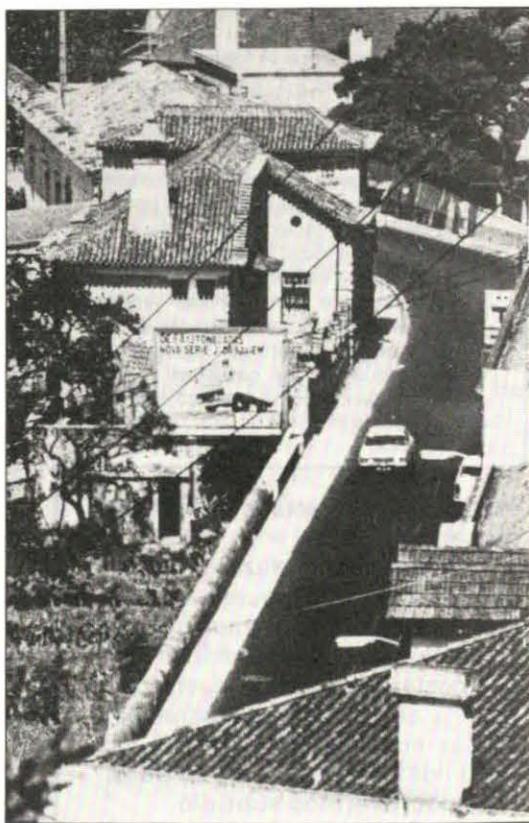
Sítios há, onde hecatombes não raiaram quarteirões, nem construções novas afectaram grandemente o conjunto, e no entanto se encontram num penoso estado na comparação com o seu aspecto primitivo. A sua grande degradação é um conjunto de marcas inseparáveis da civilização dos nossos dias que corróiem o meio casa por casa.

É a floresta de antenas, fios, tubos, postes, distribuídos ao acaso, quebrando ritmos e espaços que tiveram uma lógica de concepção.

É o arbitrário dos volumes que por pouco que cresçam corrompem esses espaços.

É o pragmatismo dos materiais usados nas correcções ou conservações, que tendem a uniformizar conjuntos onde se sentia o improvisado e a ideia dos habitantes.

Nos exemplos que se seguem, mostra-se a vasta gama, que do feio ao grotesco, contribui para a **DEGRADAÇÃO DUM LOCAL**.





Numa cidade, AS RUAS são os espaços consagrados à circulação de peões e veículos, separando as casas e ligando-as entre elas, formando o tecido que as alimenta e as vivifica. São os locais de passagem, encontro e convívio, onde cada época deixa marcas indeléveis do seu pensar.

Fora de muros, ligando as cidades, as vilas e as aldeias, destinando-se exclusivamente à circulação, encontram-se os seus prolongamentos ou sejam as estradas.

O que podemos deduzir do conjunto que segue, é que as estradas foram substituir as ruas, penetrando nas cidades que aparecem agora asfaltadas, sem árvores nem recantos de lazer, na frieza dum mecanismo que destruiu o contacto humano.

**"O SAQUE DA CIDADE"**

# ALBURITEL

## FALAR DAS SUAS TRADIÇÕES E DO SEU POVO

JOSÉ LUÍS VIEIRA

Em crianças viveram descalços, rotos, mal-alimentados — foram à escola, alguns — mas todos frequentaram a escola da vida. Essa escola bem dura, bem mais que o peso da palmatória e as frustrações da professora.

Roubar fruta, ovos — e não só — armar "costelas", jogar ao pau — actividades preferidas de crianças da rua, das serras, feitas de interesses e necessidades.

Era o pão que "mingava" — "arca sem pão, todos ralham e

ninguém tem razão" diz o povo — eles não o diziam mas sentiam-no — e o trabalho que faltava, dilema de crianças que eram putos ávidos de trabalho. Pois eles sabiam que quando comessem a ganhar a jorna poderiam comer um pouco melhor e alguns talvez os pais lhes dessem umas botas... as primeiras botas... que se engraxavam ao sábado à noite, mesmo à noitinha depois da ceia, para no domingo irem à missa — mostrá-las luzidias — e fazer figura, pois não.



Mariano Piçarra



Ir à noite para a taberna, com os outros HOMENS, jogar a sueca ou a bisca, beber uns copos... e porque não beber mais um. O prestígio subia quando se bebia mais que os outros e não se tombava, o que para iniciado era um pouco difícil.

Falar das tabernas da minha terra, espaço mítico; cerimonial de iniciação; ritos dia-a-dia — ponto de encontro e de convergência.

O Ti Zé Barbeiro ao fundo e mais o "tem dias" — um célebre rafeiro que como o dono também tinha dias; O Ti Albino, a quem chamam Maneta por ter uma mão a demonstrar as cirurgias da época, e que por vingança — quem o saberá? — arrancava dentes aos suplicantes, com um alicate corroído pela aguardente; o Ti Júlio Gaspar lá ao cimo. Eram os espaços de encontro dia-a-dia rejuvenescidos.

Os tempos são outros. O espaço/tempo nesse local estagnou. As mesmas pessoas, agora já velhos cansados de barba branca, falam dos tempos em que eram novos, as partidas que faziam, as sessões de jogo do pau, pancadaria a valer — falam dos heróis, e dos fracos, das suas batalhas de fantasia — o espaço de imaginação.

Hoje esse espaço já não existe. Inventaram uma Associação Cultural, mas que a todos os títulos se tornou inútil, desculpem, tem uma utilidade, há futebol, mas só futebol, aos domingos à tarde.

Perguntamos onde está o espaço/animação que nos falta!

Os cafés que entretanto foram aparecendo tornaram-se meros centros de consumo, onde se vai tomar a bica — mas só os novos — e jogar matrecos.

Perdeu-se o espaço — convívio e reunião — perdeu-se o cerimonial, os ritos passados desde longos tempos dos mais velhos aos mais novos. A magia de noites inteiras ouvindo um velhote contar de sua sabedoria.

Algo está por descobri-l...

**José Luís Vieira**

**N.R.:** Localidade do Concelho de Vila Nova de Ourém.

# "BONIFRATES" DE COIMBRA

## QUANTO VALE ESTA CIDADE?

A "pergunta" (que é aposta) começou em 23 de Janeiro e só acaba com o mês de Junho. Meia dúzia de meses, portanto, para se saber quanto vale, de facto, aquela cidade. Ou, melhor, quanto vale o

trabalho de um grupo que, em Coimbra, está a fazer outras perguntas e começa a dar respostas que, e não só porque pouco comuns, valem bem ser "ouvidas". Mas adiante e com a iniciativa —



"Quanto vale esta cidade?" — da "Bonifrates" (Cooperativa de Produções Teatrais e Realizações Culturais), em colaboração com o Grémio Operário de Coimbra, em cujas instalações, na Rua da Ilha, se têm vindo (e continuará a fazer até ao fim) as perguntas e se vêem e ouvem as "respostas".

Pois, quem as quiser saber, as respostas, preste atenção ao programa, a partir de agora (o que Janeiro, Fevereiro e Março tiveram já lá vai). E vai o trabalho da Associação Cultural, a Secção de Karaté da Associação Académica, o Grupo Cénico do Clube de Futebol Santa Clara, o Teatro Experimental do Clube Recreativo de Pé de Cão e o TEUC (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra). Tudo "coisa" da cidade. Cada uma à sua maneira, a mostrar o que vale aquela cidade. E pelo que já lá vai bem se pode concluir que vale mais do que se pensa. Ou melhor tem condições para valer mais. É que há gente, trabalho, imaginação, criatividade, boa vontade... E não há o que toda a gente sabe. Por isso não se diz. E também para não continuar a "reza" das lamúrias e desculpas.

Ao dar as suas instalações para a realização do vasto programa de actividades culturais, o Grémio Operário retoma o seu projecto de intervenção cultural, já centenário. Por isso não foi escolhido por acaso. E os "Bonifrates" explicam: "é este espaço se nos afigura radicalmente exterior ao circuito comercial coimbrão".

Mas se o local não foi escolhido ao acaso, muito menos o foi a iniciativa dos "Bonifrates". Com "Quanto vale esta cidade?", tenta-se "promover um inventário artístico e cultural de Coimbra, de uma forma viva e actuante". Com a esperança de "comprovar que a descentralização cultural passa necessariamente pelo incentivo aos agentes culturais existentes". Mas não só. A "Bonifrates" quer,



Mariano Picarra

assim, "viabilizar a apresentação, em Coimbra, de grupos de teatro, ranchos folclóricos, bandas de música, grupos corais e muitas outras colectividades que, apesar de manterem uma vida cultural activa, o grande público continua a ignorar".

E assim se vai sabendo quanto vale aquela cidade. A pensar, também, que a realização pode ser "um embrião de uma nova forma organizativa inter-colectividades, criando uma certa dialéctica entre elas e dentro de cada uma". Para isso contam os "Bonifrates" com a



participação de cerca de 40 colectividades. E se assim não fosse não poderia acontecer "Quanto Vales Coimbra?" todas as semanas, quando é sábado à noite e enquanto não chega Julho. Às vezes também poderá acontecer à tarde. É que também estão programados encontros com "figuras que marcam poeticamente a cultura coimbrã". Mas ainda é segredo.

"Quanto vale esta cidade" é, afinal, o sentido que tem para os promotores, a cultura: "estarmos juntos na diversidade, estarmos todos em liberdade, numa festa sem normas já feitas, que nós vamos tecendo, de encontros e desencontros".

## EM TORNO DA ÁGUA, FONTE DA VIDA



(Ver programa em  
Daqui e Dali)

Na aldeia havia uma fonte e não havia torneiras nas casas. Manhã cedo, as mulheres vinham, cântaros nos braços. Dois dedos de má língua, algumas conversas adoçadas, em segredinho, que os homens passavam com o gado e as alfaías. E depois partiam, cântaros à cabeça pesados agora, obrigando ao balançar das ancas. Ao cair da

tarde, a movimentação repetia-se e as chalaças vinham dos improvisados bancos instalados contra as paredes. Os homens da aldeia fumavam e contavam-se histórias picantes de permeio com os comentários sobre o dia de trabalho, olhavam as moças casadoiras, as outras também.

Depois, no meio de grande rebo-



Martano Pizarra



MARIA HELENA VINAGRE  
PORFÍRIO ALVES PIRES



lição, um dia a aldeia teve água canalizada em todas as cozinhas.

Durante algum tempo ainda, mas cada vez menos, as mulheres vieram já sem cântaros, braços pendentes a não servirem para nada, nem o peso sobre a cabeça a justificar o baloiçar das ancas, os homens, esses foram mudando para a tasca mais abaixo.

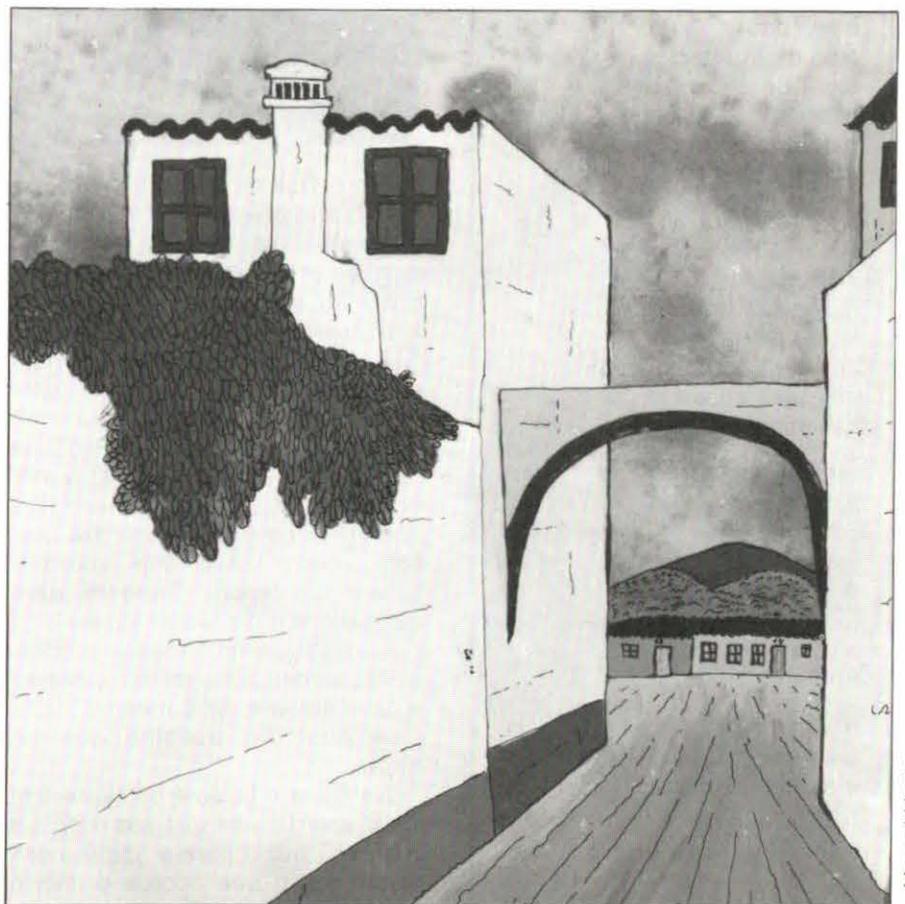
Podemos contar esta história de um outro modo, assim: era uma vez um espaço construído, onde a localização de uma fonte de água o tornava lugar de realização de determinada função; mas onde, conjuntamente se assumiam processos donativos e conotativos, estreitamente ligados ao modus vivendi. Depois, um dia, a função perdeu a sua obrigatoriedade, mas já um tanto ou quanto despropositados, o que os fazia conotar de uma outra maneira. Era ridículo, em suma, ou provocante ir à fonte buscar água de que não se precisava, ou mostrar-se sem devida justificação funcional.

Algumas velhotas ficaram. Não acompanharam a mudança e lá se foram ficando pelo largo vazio. A conotação do espaço para eles, tinha maior importância que as funções que eles há muito já não desempenhavam.

Desta história não tiramos conclusões saudosistas. Bem vistas as

coisas, não comporta ilações desse tipo. Queríamos, tão somente, chamar a atenção para a existência de aspectos característicos dum determinado lugar, que os levantamentos fotogramétricos da municipalidade não revelavam, nem as exigências da Junta de Freguesia relatavam.

Sensibilizado o Senhor Presidente da Câmara fez instalar no largo, uns bancos de jardim, todos pintadinhos de verde, mas ninguém se sentou nesses estranhos objectos, repletos de modernismos é certo, pretendendo provocar uma situação da qual deviam ser mera consequência. Para além de que não faziam parte daquele cenário. Não eram os bancos que evitavam a morte do largo, ou que lhe podiam dar uma nova vida.



Miguel Horta



## LAVADOURO

(As mulheres de Fareginhas)

É terça-feira  
e a roupa num monte  
a água está fria  
o sabão está caro  
e a roupa num monte  
é quarta-feira  
e a roupa suja  
está toda num monte

esfrega que esfrega  
bate que bate  
bate no surro  
bate no duro  
esfrega na roupa  
esfrega o marido  
fala do campo  
fala de tudo

fala da filha  
e da vizinha  
esfrega na roupa  
esfrega a família  
bate que bate  
vira que vira  
adeus Laurinda  
bom dia Aldina

também se ri  
e também canta  
o lavadouro  
é só da mulher  
lugar de encontro  
esfrega que esfrega  
bate que bate  
está quase pronto

é quinta-feira  
a roupa sorri  
no lavadouro  
é onde as mulheres  
falam de si  
das suas roupas  
das suas casas  
das suas coisas

também do seu corpo  
e das suas noites  
bate que bate  
esfrega que esfrega  
no lavadouro  
lugar colectivo  
a roupa e a vida  
numa barrela.

No lavadouro  
lava-se a roupa  
e a vida refresca.

A.M.

N.R.: Fareginhas, localidade do Concelho de Castro D'Aire, distrito de Viseu.

# TRABALHADORES: MODOS DE OS RECRUTAR E CONVOCAR



Em certas terras os trabalhadores "fazern praça", isto é, reúnem-se de manhã num largo e esperam que os proprietários os ajustem. Em S. Mamede de Óbidos a praça é à segunda-feira.

Búzio e apito são instrumentos utilizados para chamar os homens para o trabalho ou para dar sinal de o deixar. No séc. XVII usava-se uma campainha, como se vê numa comédia de Simão Machado, embora a cena se passe em Dio. Estão trabalhando dois vilões e cantando, depois "tangem uma campainha e diz (João) B(ras)":

— Da folga he chegada a hora!

Após o descanso torna a ouvir-se a campainha e diz o mesmo:

— Alto! Ao trabalho que he hora!

Na Beira o búzio é corrente. Em Alter acordam-se uns aos outros a toque de búzio para a apanha das azeitonas: o que acorda primeiro toca-o e os outros vão respondendo.

Em Celorico de Basto, nos trabalhos do campo, como sacha de milho, segada do centeio, "arrigar" o linho (arrancar), feitos ao mesmo tempo por homens e por mulheres, uma delas, que tenha a voz mais forte, "deita o alto", isto é, começa a cantiga:

António, lindo António,  
António, lindo, quem és?  
e os outros repetem:

António, lindo António,  
António, lindo, quem és?  
e ela canta ainda mais alto:

Pai desgraçado tu és!

A isto se chama "dar o alto", que é o sinal de dar fim ao trabalho. Em Ponte de Sôr, distrito de Portalegre, é o sacristão que dá o sinal de terminar a sesta e de recomeçar o trabalho, tocando o sino.

in Leite de Vasconcelos  
"Etnografia Portuguesa", vol V,  
pg. 649-50, ed. Imprensa Nacional,  
Lisboa 1967.



# ANTÓNIO, LÚCIA E EU...

MIGUEL HORTA

**"Mas afinal o que é que se faz esta noite?"**

Dizia António encostado à estátua do menino D. Sebastião numa noite quente de Lagos.

**"Há um sítio que vos quero mostrar aqui em Lagos"**, disse Lúcia virando-se para o António que logo se endireitou contra o mármore da escultura do João Cutileiro.

**"Sabem o que é? — É a Adega Ribatejana"**.

Tanto eu como António, pouco conhecíamos de Lagos e, até ali parecia-nos que a gente nova da terra, pouco fazia senão bebericar cerveja nos bares.

Foi assim que conhecemos a Adega.

Mesmo por detrás dos Hotéis e

do cinema, numa daquelas ruas estreitas, uma larga porta de taberna, em jeito de antiga cavalaria, abria-se para um espaço amplo, onde, de mesa em mesa, uns, jovens e outros não, conversavam e bebiam vinho do Cartaxo.

Sempre conduzidos por Lúcia, lá nos sentámos mesmo em frente de uma parede ornada de velhos calendários de **"nus envergonhados"**, quadros com antigas equipas de futebol do Benfica e um emblema em relevo do Sport Club União Torriense (terra natal do proprietário).

Sentado naquela mesa comecei a fazer um desenho ao sabor do bom vinho, enquanto o António ouvia de um cliente habitual o triste destino desta Adega tão cheia de

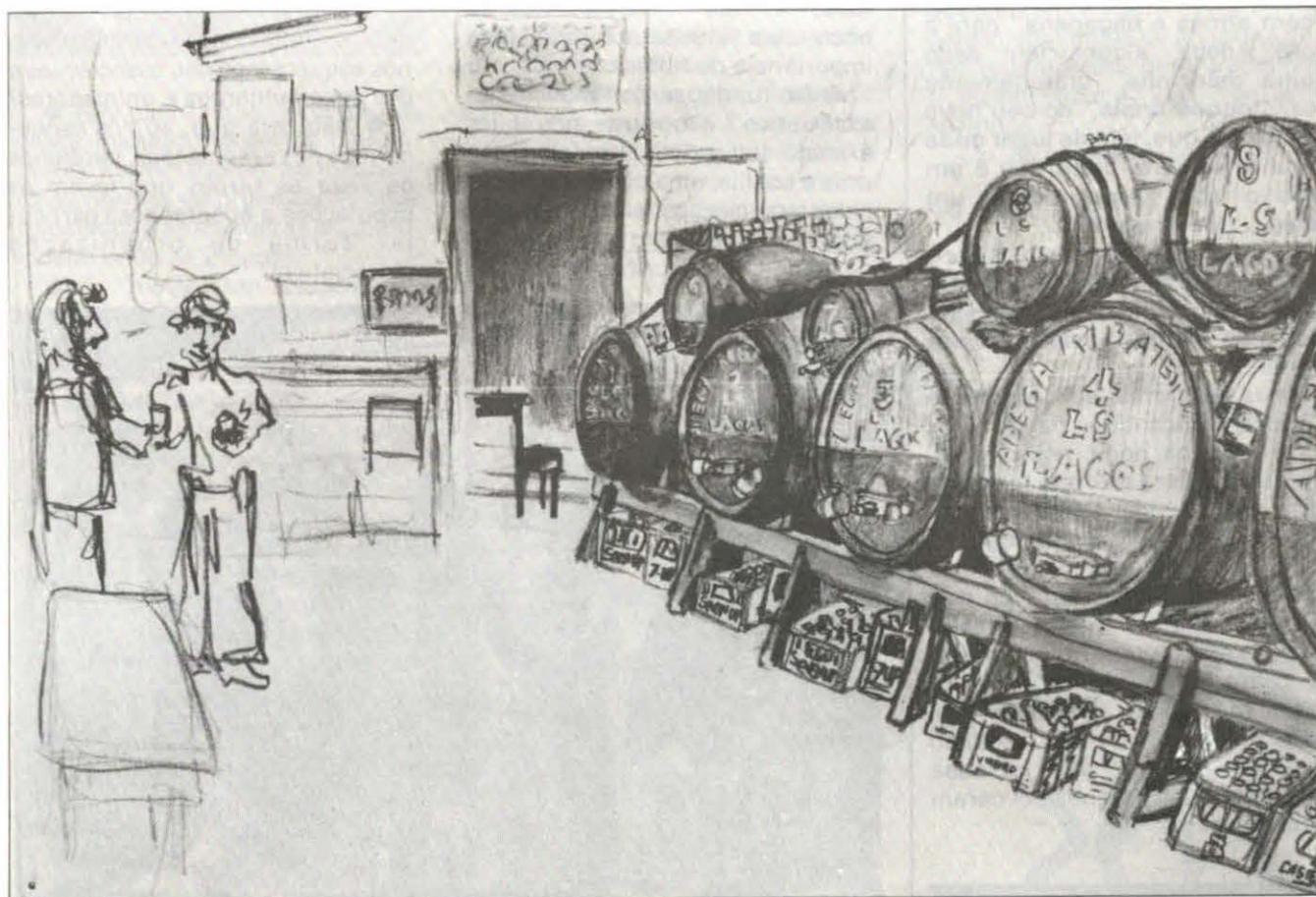
vida própria.

**"É que a Adega vai fechar..."** — dizia — **"vai ser um desses pronto-a-vestir todo à moda, como mandam estes novos hotéis de Lagos"**.

**"Olhe que esta Adega nunca fechou aos domingos nem aos feriados... esteve sempre aberta até às dez da noite... foi sempre a única aonde marítimos vinham fazer as suas caldeiradas, pagando só o vinho que bebiam"**.

O nosso cliente fez uma pausa olhando demoradamente as pipas alinhadas ao longo da sala.

**"Aqui nunca entrou polícia, a não ser para beber um copo, claro!"** **"E sabe de uma coisa?... O preço do vinho para portugueses sempre foi igual ao preço do**



Miguel Horta



# ESPAÇOS ABERTOS

vinho para estrangeiros... não dou conhecimento de haver uma casa em Lagos que venda o vinho tão barato como aqui".

Entretanto, Lúcia falava com um homem de Rugas do Mar que já não estranhava "ver meninas numa casa como aquela". "Agora têm outro pensar".

Por detrás do guarda-vento, ouviu-se um gracejo, um grupo de jovens entrou ruidosamente. Lá fora os grilos, o buliço... a noite abafada de levante, a correr veloz.

Fui sabendo outras coisas desta Adega, antiga cocheira que também vendeu carvão para muitas sardinhas.

Em 1948, Luís Santos chegou a Lagos, começou a trabalhar na Adega; desenvolveu-a, aumentou-a e deu-lhe o nome actual — "Adega Ribatejana". Desde que tomou conta da casa, nenhum outro vinho foi vendido senão o da região do Cartaxo. João, o actual empregado da Adega "herdou" todo o recheio, que passará para uma nova casa que ele vai abrir em Lagos.

Os velhos frequentadores, estão firmemente decididos a passarem "com armas e bagagens" para a nova Adega, alguns têm dado "uma mãozinha" gratuitamente nos "toques finais" do seu novo espaço. "É que, isto de lugar onde a gente se sintam bem, não é em todo o lado, temos de ter um poiso... não é assim?"

Debruçado sobre mim, Luís Santos, de olhar brilhante, mira o desenho ainda incompleto — "Não está mal, não senhor... vai mais um copito?"

Pelas dez horas, delicadamente a Adega foi ficando vazia...

De novo na noite, nós os três, jovens em busca de outra forma de participar na vida. Desta vez, um espaço/património a defender.

Só que ninguém defendeu a Adega e, na última tarde em que esteve aberta, os três mais assíduos frequentadores, mantiveram-se calmamente sentados a um canto silencioso, assistindo sem beber (pois, vinho já não havia) ao desmantelamento das pesadas pipas que durante anos povoaram aquele espaço.

## OU SERÁ QUE?...

● Assim terminava a Lucília Salgado a sua lista de interrogações, sob a epígrafe "Que se passa então?" (com o movimento associativo). Ponte para atravessar o deserto?

Deixa para nela se pegar e continuar o discurso?

● Seja como for, o debate é interessante. Não tanto para que se encontre a solução; sobretudo pela importância de nos situarmos.

● No fundo, se do "movimento associativo" o que me fica é ter existido (ou existir, ainda), como dizia a Lucília, uma dinâmica criada pelas associações e outros grupos informais "...com um papel efectivo na tomada de decisões (e realiza-

ções) sociais..." — dinâmica essa situada historicamente — não posso deixar de me interrogar se não teremos nós confundido essa dinâmica com as razões que lhe possam ter estado subjacentes, de tal maneira que, reduzindo estas àquela, as perdemos completa ou fundamentalmente de vista.

● Não será que ao privilegiarmos o "movimento associativo", nos esquecemos das associações e dos seus militantes e animadores?

● Não será que, ao nos esquecermos das associações, perdemos de vista as razões que levam as populações a adoptar essa particular forma de organização (associativa)?





● Não será que procedendo dessa maneira, isolamos os militantes e animadores, confinando-os às normas da organização onde trabalham e às fronteiras da comunidade onde se inserem?

● O "movimento associativo" nunca existiu. Quero eu dizer com isto que hoje me parece claro que, tendo embora existido (e ainda exista) essa tal dinâmica de que fala a Lucília, ela nunca se organizou em termos de movimento tendente a, globalmente, agir de acordo com uma estratégia e tática comum.

● O que, em meu entender, penso existir, é (e foi) antes a escolha por parte das populações das comunidades de uma dada forma de organização colectiva, com o objectivo de, localmente também, acorrer à ultrapassagem de uma dada carência. E estas formas organizativas, pela sua estrutura, inserção social, virtualidades económicas, proliferaram com a ajuda, o impulso, dos militantes e animadores conscientes de que para agir é necessário organizar.

● Mas — e isto é talvez a razão que me leva a afirmar não ter existido esse tal "movimento associativo" — as carências, sentidas e

assumidas localmente, foram-no sempre resolvidas (ou não) localmente. E, muitas vezes, o facto de os denominados "meios de comunicação social" terem dado notícia das carências locais, deu a imagem de uma movimentação local generalizada que, por momentos, pareceu globalmente assumida em termos de "movimento".

● Sucedeu, depois, que o Estado, mal ou bem, completa ou incompletamente, começou a assumir grande parte da resolução dessas carências.

● Sucedeu que as populações, desmobilizadas, ou mobilizadas noutras perspectivas, abandonaram as associações ou de novo a elas voltaram obrigando-as a reassumir um papel recreativo ou de ocupação de tempos livres.

● Sucedeu que os tais "meios de comunicação social" não mais dedicaram espaços à divulgação desta problemática.

● Sucedeu que os animadores e militantes, reduzidos à sua prática passada, se isolaram, perderam a dinâmica que os levou, por exemplo, à organização de encontros.

● Sucedeu que.....  
● Não obstante as associações continuam a existir.

● Não obstante continuam militantes e animadores a agir, a tentar organizar as populações em torno de objectivos bem concretos.

● E estes têm necessidade de quebrar as barreiras que as organizações lhes impõem, que as comunidades representam, que as localidades e seus interesses específicos determinam.

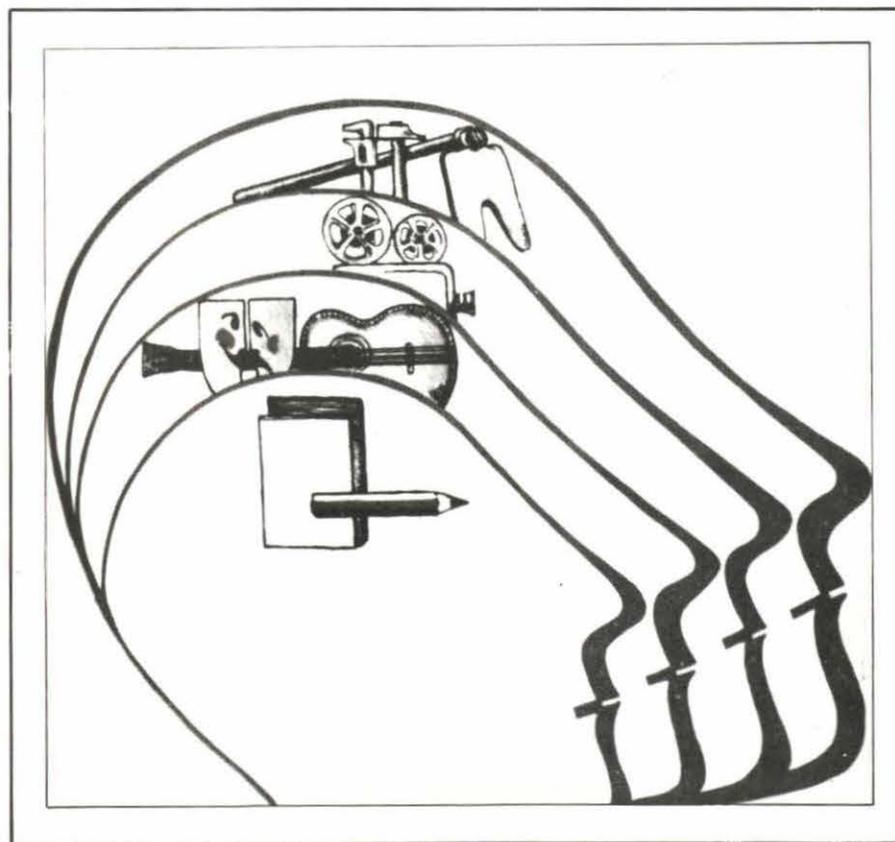
● Ao mesmo tempo que necessitam debater as acções que empreendem ou em que participam.

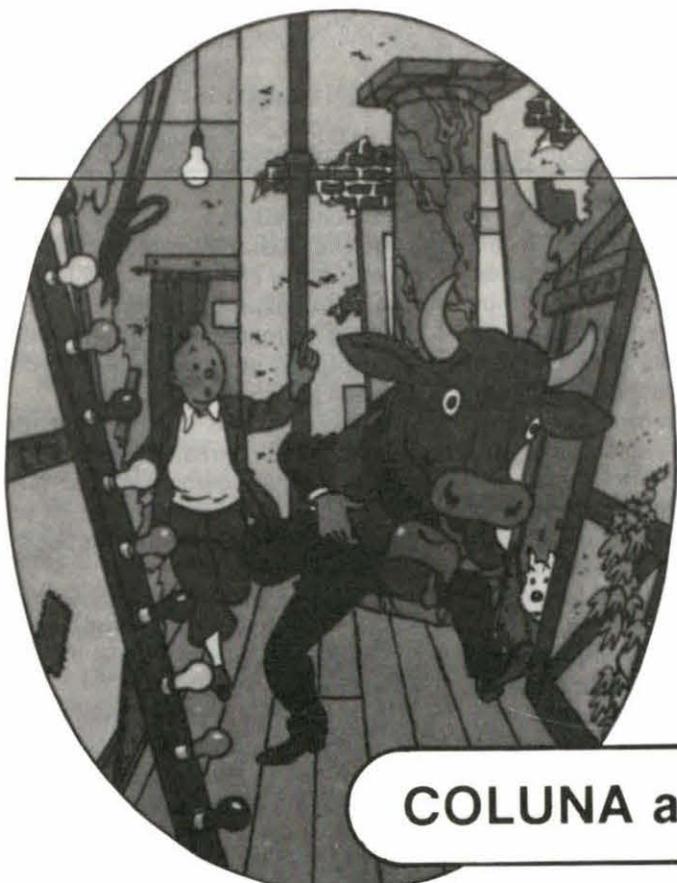
● Por isto, penso que não é tão importante quanto isso saber se existiu ou não o denominado "movimento associativo".

● Por isso, penso que o essencial será restabelecer os contactos que ligaram e ligam esses animadores e militantes de tal forma que, nas organizações onde trabalham, o façam sabendo que não estão sozinhos.

Ou, ao contrário, será que...?

15.3.82

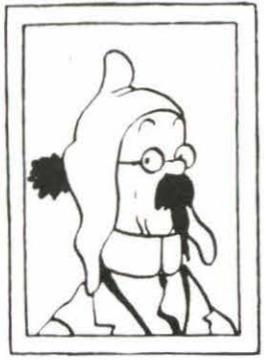




**BANDA DESENHADA  
(LINHAS BREVES)**

países) a ordem política dos que entendem a política não como fenómeno sócio-cultural mas como o comércio das almas perdidas. Este fenómeno (que muitos países ultrapassaram colocando a BD na vanguarda dos sistemas educacionais) é ainda, em Portugal, factor impeditivo da utilização da BD como meio de comunicação — onde esta arte atinge estádios de rara beleza e sensibilidade — para todos os escalões etários. As juventudes dos anos 60 e 70 pagam ainda um preço alto por a antiga ordem política ter obrigado toda uma comunidade a desconhecer as potencialidades culturais e pedagógicas da forma de comunicar em BD,

dade e não a competição impossível com esquemas desenvolvidos hoje nos países industrializados.



**A PROPÓSITO DA "II SEMANA DA BD/CAR.82"**

As potencialidades humanas e artísticas de uma comunidade devem ser estudadas e organiza-

**COLUNA a COLUNA**

Diz-se da Banda Desenhada (BD, cá p'ra nós), aí pelos corredores dos clubes e entre as mesas dos cafés, que esta forma de comunicar é demasiado limitada.

E até se ouve docentes ligados ao campo do ensino desdenhar a BD enquanto instrumento pedagógico.

Daqui se conclui ser a BD um vasto campo de trabalho cujos frutos serão provados, esperemos!, pela geração escolar dos anos 80.

Ao verificarmos o patético e antipedagógico posicionamento de uma boa percentagem do corpo docente em relação à utilização da BD (e não se diga que isto tem a ver apenas com a idade, mas também e sobretudo com a formação tida) logo concluímos ser imprescindível estudar e abrir linhas de formação audiovisuais para os docentes, incenti-

vando, na discussão, a sua curiosidade pelas novas técnicas e instrumentos de trabalho escolar, principalmente nas áreas dos ensinos especial e primário, para não voltar à tecla do ensino para adultos nestas linhas breves.



A importância da BD é grande no que respeita ao ensino e não só.

É curioso verificar-se a apatia dos docentes primários neste campo (1) e, por outro lado, vemos a enorme quantidade de livros de BD que andam de mão em mão nos recreios e férias escolares, e de como as massas trabalhadoras são receptivas a esta forma de comunicar.

Hoje, nos países industrializados, a BD assume a importância cultural que muitos lhe negaram por motivos que, obviamente, não eram culturais: foi (e é ainda em muitos

apenas porque o conteúdo da comunicação nem sempre poderia ser totalmente censurado (2). Foi-se, entretanto, essa ordem política mas ficaram as marcas que nos deixaram um corpo docente mal preparado e agarrado às pantufas. E todas as realizações que visam a formação paralela (3) dos docentes no campo da BD, nas grandes cidades e sobretudo na província, devem ser apoiadas pelas instituições oficiais e incentivadas pela participação directa dos docentes e clubistas (4), visando uma melhor qualidade cultural e artística de toda uma comuni-



das de forma a contribuirem para uma melhor vida cultural no país.

Neste aspecto se insere a realização da "II Semana da BD/Guimarães, 1982" que a



## A RECUPERAÇÃO DE MATERIAIS E A ANIMAÇÃO CULTURAL



secção de BD do Círculo de Arte e Recreio (CAR) leva a efeito na segunda semana de Abril.

Apesar das frustrações particularmente vividas pela fraca participação de docentes, a "I



Semana da BD" mostrou que há capacidades humanas e artísticas a desenvolver e que uma das formas de o fazer é incentivá-las através de certames deste género, onde a discussão e a amostragem das técnicas assumem papel relevante. Ora, é de louvar e de apoiar a continuidade da "Semana da BD" que a secção



do CAR começou já a pôr em marcha através da costumada e impagável carolice dos animadores culturais.

Espera-se, neste ano de 1982, uma ampla participação e

apoio de técnicos, docentes e clubes, e o estímulo material das instituições oficiais.

A ver vamos!

Fernando Capela Miguel

### NOTAS:

- (1) Nos poucos certames que há a participação é fraca e os docentes da provincia defrontam-se ainda com imensos problemas materiais para além dos aspectos de formação.
- (2) Nos EUA tudo tentaram para cortar as BD postas a circular contra a guerra do Vietname e não conseguiram.
- (3) Ciclos, palestras, cursos profissionais.
- (4) Os clubes e secções de BD têm grande importância porquanto são eles o motor de tudo quanto se faz pela divulgação da BD em países como Portugal.

### A RECUPERAÇÃO DE MATERIAIS E A ANIMAÇÃO CULTURAL

Cada gesto de fruição na sociedade de consumo é ao mesmo tempo um gesto de desperdício. Os produtos acabados do mundo industrial trazem em si o outro lado que se desembrulha, se lê, se descasca, se despeja e que é depois deitado fora dando forma aos grandes amontoados de lixo não biodegradável que se erguem à beira das cidades.

Não é propriamente esta questão a que se pretende abordar mas, partindo desta reflexão, lançar um olhar criativo e transformador dirigido às reais possibilidades de recuperação de

alguns destes materiais. Sobre tudo, partir da ultrapassagem dos conceitos que somos levados a aceitar acerca deles e da sua pretensa inutilidade. Ora, quantas vezes o "lixo" e uma boa dose de imaginação se tornam instrumentos utilíssimos na animação cultural, colmatando até muitas dificuldades económicas e técnicas.

E é do caso específico da animação cultural que se pretende falar; animação cultural nas suas mais variadas acepções, quer se trate de trabalho de educação/diversão com crianças, quer a montagem de um cortejo de carnaval ou de uma peça de teatro de amadores. Os exemplos são inúmeros e as possibilidades de criação quase infinitas; tendo como tónica a imaginação e a reutilização da enorme quantidade de invólucros vazios, jornais e revistas, papéis, plásticos, metais, caixas de vários tamanhos, restos de tecido, utensílios e roupas velhas e um sem

número de outras coisas que todos os dias mandamos fora, um mundo insuspeitado de recriação e jogo que se pode animar; fantoches, máscaras, brinquedos, adereços e cenários de teatro, fantasias de carnaval, materiais educativos, instrumentos musicais, tudo ou quase tudo se pode inventar e construir com um golpe de tesoura, um pouco de cola, uns agrafos, uma passagem de tinta e muitas vezes até sem a mínima alteração.

Partindo do gesto quotidiano alienado, consumista e poluidor, para a transgressão do gesto criativo, da vida restrita e limitada do dia-a-dia para a imaginação sem limites, tudo se nos torna possível. Resta deitar mãos à obra!

A partir do próximo número aqui estarão várias sugestões práticas, dando início a um espaço de alternativa que se quer continuado.

Carlos Silva



# daqui e dali



## II SEMANA DA BANDA DESENHADA

Guimarães

Depois do êxito do ano passado vai de **12 a 18 de Abril**, de novo, o movimento associativo de Guimarães, montar mais uma semana da Banda Desenhada.

"Com esta realização cultural, quis mostrar-se também, que a B.D. não é apenas 'Livro de troca' mas, sobretudo, espaço científico onde a Arte e a Pedagogia estão de mãos dadas"



disse a Comissão Organizadora no Fanzine de Divulgação da Banda Desenhada nº O de Março de 81 — **CAREto** (propriedade do Círculo de Arte e Recreio).

Este ano, em torno do tema "Banda Desenhada e Comunicação", cada Associação que decidiu colaborar, organiza actividades que se enquadrem nos seus objectivos específicos, enriquecendo assim a população de Guimarães e freguesias do concelho que poderão este modo, usufruir dum trabalho feito em profundidade só possível, de facto, com um tal esforço

conjugado. Vêm deste modo, mais uma vez demonstrar, que "o movimento associativo tem possibilidades de fazer grandes iniciativas e grandes obras em conjunto" — F. Capela M.



Do programa provisório, constam já as seguintes actividades:

- **Círculo de Arte e Recreio:** (R. Francisco Agra): — Exposição de Cinema de Animação (a Associação de Cinema de Animação leva-a a Guimarães).



— Exposição de Banda Desenhada Juvenil (com participação das escolas).

— Exposição/concurso Novos Autores (a nível nacional).

### formação

— Iniciação à Banda Desenhada (organizada pela Associação dos Professores e destinada a professores, animadores, etc.).

— Curso de Manipulação de audio-visuais.

### Colóquios

- Roussado Pinto.
- Martinó Coutinho

### ● Associação Comercial (R. da Rainha D. Maria II):

- Exposição de Banda Desenhada Internacional (autores internacionais).
- colóquio/debate.

### ● Biblioteca Gulbenkian (Largo da Oliveira)

- (com larga experiência em animação de bibliotecas):
- **Exposição/Venda de Aluns de Banda Desenhada** — Escolas europeias (em colaboração com as livrarias da cidade).
- Feira (venda/ troca) para coleccionadores.

### ● Esc. Prep. João da Meira:

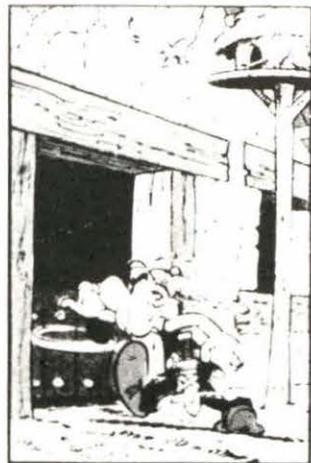
- Exposição de Revistas e Autores Portugueses.

### ● Associação Artística (R. Gil Vicente):

- Sessão de Cinema de Animação — Autores portugueses (3 sessões: autores portugueses ligados à publicidade, cineastas não profissionais e selecção de filmes de 16mm de UNIKA).

### ● Edição do Fanzine CARola nº 2.

- Edição da Brochura "Semana da B.D. 82" — textos técnicos de apoio.
- Edição dum carimbo comemorativo da semana, pela



sessão de filatelia do C.A.R. (chamará muitos filatelistas e coleccionadores).

Organização de oficinas de B.D. nas escolas do Concelho. Visitas de escolas, associações e empresas do Concelho. Etc. Etc.

## SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO



III Encontro realiza-se em Torres Vedras

"Tal como o homem sem memória se degrada, também a sociedade que despreza a sua herança cultural não evolui".

E sob este lema que se vai realizar este ano o III Encontro Nacional das Associações de Defesa do Património, em Torres Vedras, numa organização conjunta da Associação local (ADDPCTV) e da FADEPA (Federação das Associações de Defesa do Património), e que conta com o patrocínio da Câmara Municipal de Torres Vedras.

O movimento associativo, apesar de recente, é hoje um

Em ESTREMOZ pode encontrar a "Intervenção" no: Quiosque Mavies

# daqui e dali

dado inquestionável no panorama cultural português. O seu prestígio foi-se alicerçando dia a dia no trabalho das mais de 150 associações que, um pouco por toda a parte, alertam as populações, investigam, propõem soluções, num domínio e numa altura em que o imobilismo dos organismos de Estado não parecia em condições de inverter a situação dramática de degradação em que se encontravam os nossos principais valores patrimoniais.

É neste contexto que, regularmente, se têm vindo a realizar encontros de reflexão e debate primeiro Santarém, em 1980, depois em Braga, em 1981. Agora **Torres Vedras**. E tudo indica que este III Encontro ultrapassará, tanto em quantidade como em qualidade, os seus predecessores. Dezenas de participantes estão já inscritos, contando que até à data limite (19 de Fevereiro) a esmagadora maioria das Associações o venham ainda a fazer.

A Comissão Organizadora, que tomou em consideração as lições colhidas em idênticos certames anteriores, propôs dois temas genéricos para debate.

I — **Questões Associativas e da Federação**

II — **Questões sobre o Estudo, Defesa e Divulgação do Património Cultural e Natural**

As sessões realizar-se-ão em plenário, reservadas enquanto participantes aos representantes das associações. Visitas Guiadas, uma sessão cultural e um almoço regional oferecido pela organização, constituem os espaços privilegiados de convívio e do reforço dos laços de solidariedade entre os delegados das diversas associações.

Em TAVIRA a "Intervenção" está à venda na: Casa Brasil

## QUANTO VALE ESTA CIDADE?

O que vai acontecer no grémio operário de Coimbra, lá na rua da Ilha, por iniciativa dos "bonifrates"...

## PROGRAMA

### ABRIL

- 3 — Escola de Música de Eiras
- Grupo de Arqueologia e Arte do Centro (GAAC)
- 10 - Grémio Operário

- 17 — Grupo Folclórico 1º de Maio (1)
- Centro de Cultura e Recreio Vale da Luz (1)
- Associação Desportiva e Recreativa Vilanovense (1)
- Rancho Folclórico e Cultural S. Silvestre (1)
- Coro Misto da AAC Fenda
- 24 — Tuna Académica
- Coral dos Estudantes de Letras da Universidade de Coimbra (CELUC)
- Bonifrates



### MAIO

- 8 — Ateneu de Coimbra
- 15 — Rancho Folclórico de Assafarge (1)
- Rancho Popular Infantil de Eiras (1)
- Rancho Folclórico "As Camélias de Souselas" (1)
- Rancho Infantil "Rosas de Santa Isabel" (1)
- Grupo de Teatro "Luzes da Ribalta"
- 22 — Coro de Professores
- Centro de Estudos Cinematográficos da AAC
- 29 — Coro do Conservatório Regional de Coimbra
- Secção de Ginástica da AAC

### JUNHO

- 5 — Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC)
- 12 — Centro de Recreio Juvenil do Bordalo (1)

- Rancho Folclórico das Cantarinhas Mocidade da Castanheira (1)
- Rancho Folclórico da Mocidade de Antuzede (1)
- Grupo Etnográfico e Folclórico da Academia de Coimbra (GEFAC)
- 19 — Coro D. Pedro de Cristo
- Centro de Recreio Popular do Bairro Norton de Matos
- 26 — Bonifrates

(1) actuações que terão início às 16 horas, todas as outras terão lugar a partir das 21 e 30.

## I ENCONTRO DE FOLCLORISTAS DO RIBATEJO

Integrando as comemorações do 24º aniversário do **Rancho Folclórico "Os Camponeses" da Casa do Povo** local, RIACHOS recebeu no dia 9 de Janeiro os participantes no "I Encontro de Folcloristas do Ribatejo". Jornada altamente dignificante para o **Folclore**, constituindo uma verdadeira aula de **Etnografia**.

A **Federação de Folclore Português**, cuja acção altamente positiva ali foi realçada por todos aqueles que bem de perto acompanham o seu trabalho, esteve representada pelo Presidente e Vice-Presidente da Direcção vendo-se ainda, entre os presentes (e que nos desculpem qualquer omissão) o Tesoureiro e alguns elementos do Conselho Técnico.

A **Juventude no Folclore**, tema subscrito pela Drª Célia Barroca (componente do Rancho de Riachos), foi a primeira comunicação apresentada, um tanto polémica (e ainda bem) e a constituir motivo para frutuoso diálogo. Joaquim Lopes Santana, director do Rancho local, e cuja

actividade foi bastante realçada, apresentou um cuidado e apreciado estudo que intitulou **Riachos, seus usos e costumes através dos tempos**. Belíssimo trabalho que é bem um caminho a seguir por tantos que ao folclore, à etnografia, conferem o lugar que lhe é devido.

Augusto de Souto Barreiros, Presidente do Conselho Técnico para o Ribatejo, desenvolveu, com um brilho que há que referir, o tema **Folclore do Ribatejo, Trajos, Danças e Cantares**.

Trabalho de inegável valor, e que aconselhamos a todos os folcloristas, foi também apresentado por José Maria Marques (Vice-Presidente da Federação). Seu título — **Como deve ser feita uma recolha de traje, danças e cantares**.

O papel dos grupos folclóricos, na cultura popular e tradicional portuguesa, foi motivo para "comunicação" que Álvaro Almeida dos Santos apresentou. Encerrando Augusto Gomes dos Santos que dissertou sobre a história da Federação, de que é Presidente.

Finalizando cada uma das duas partes, teve lugar animado debate. Verificando-se, sempre dentro do maior clima de cordialidade, intervenções altamente positivas.

Apresentamos seguidamente, as "conclusões" que foram aprovadas por aclamação:

1 — Que os Grupos Folclóricos de todo o país, nomeadamente os do Ribatejo, sigam o caminho da verdade traduzida pela recolha e consequente reconstituição, em relação às exhibições que se propõem fazer publicamente.

2 — Que à coexistência de vários agrupamentos folclóricos numa mesma região, sejam ine-



Manano Piquarra

# CONTRIBUTO



Miguel Horta

rentes os elementares elos de fraternidade e aproximação social.

3 — Constatada a larga presença e efectiva participação de jovens, os responsáveis deste Encontro congratulam-se pelo facto e lançam o apelo para que a juventude dê a todo o país, e que siga prestigioso exemplo.

4 — Que os responsáveis pelos agrupamentos folclóricos façam entender o ensaio dos seus reportórios da explicação de pormenores etnográficos adequados tendo em vista uma maior sensibilização e formação dos seus componentes, e que, como medida de salvaguardar a verdadeira autenticidade dos Grupos, os directores possam acompanhar as operações de recolha.

5 — Repudiar afirmações de grupos não folclóricos, com facilidades de acesso aos mais poderosos meios de comunicação, atentórios à dignidade de todos os que honestamente trabalham para que os agrupamentos folclóricos se mantenham permanentemente em actividade.

6 — Que a Federação de Folclore Português, através dos

meios próprios, procure entusiasmar Ranchos Folclóricos seus filiados a organizarem Encontros deste tipo, em todos os pontos do país.

Lino Mendes

## I FAZER A FESTA

Porto, 7 a 23 Maio/82

Afinal os Encontros continuam. Desta vez é o teatro Ant'Imagem, do Porto que vai organizar o I FAZER A FESTA, encontro de teatro para a Infância: a experiência que queremos repetida anualmente, impondo-a pela sua actualidade e necessidade, como um acontecimento falado e vivido, na modesta vida cultural da cidade, num campo cheio de possibilidades e para um público carente desse tipo de manifestação.

Acompanhando o Encontro serão organizados colóquios e debates sobre a criança, a pedagogia e o teatro para a infância. Um ciclo de cinema de animação e outro de teatro, música e uma exposição de pintura e desenho são outra parte do programa. Mas o melhor é ir ao Porto e... ajudar a (I) FAZER A FESTA.

*Soletrando  
mulher  
vida nova  
descobrir*



Tem constituído linha de trabalho da Associação "Semear para Unir" a produção de livros e de outros textos em estreita relação com a intervenção nos domínios da alfabetização a da animação.

A presente publicação "Soletrando Mulher Vida Nova Descobrir", em edição restrita e fotocopiada, destina-se primeiramente a ser instrumento de apoio aos Cursos de Alfabetização de Adultos, bem como a sustentar o gosto pela leitura e a desenvolver a tomada de consciência dos adultos que têm participado em processos de alfabetização.

O Caderno, assinalando este 8 de Março de 1982, apresenta uma estrutura em três partes:

- quando a desigualdade era lei e a dor raiz da luta;
- a igualdade na lei, na vida a desigualdade;
- vida por nascer em palavras por soletrar.

Dada a natureza restrita da edição, poderá contactar directamente com a referida Associação:

Rua Conde Sandomil, nº 4-1º-E — 2.800, COVA DA PIEDADE

Atenção COVA DA PIEDADE! Podem encontrar a "Intervenção" na:  
Papeleria da Palma  
Papeleria Piedense

*e as tabernas  
fecham  
'as dez  
e os pap' secos  
não  
bebem  
vinho.....*



Já deram uma vista de olhos pelas TABERNAS DE LISBOA?

O Luís Pavão e o Mário Pereira dão uma ajudinha: mostram, num livro editado pela Assírio & Alvim e saído na última época de Natal (a preço de fogo!), algumas muito boas fotografias das poucas tascas que ainda existem (existiam quando o livro foi feito porque morrem dia a dia!) na cidade de Lisboa.

Além das fotografias, que falam por si, o texto — de que destacamos o capítulo A TABERNA, UM ESPAÇO SOCIAL — faz uma análise sociológica (e histórica) que não só abre pistas para um estudo mais alargado e aprofundado, como nos excita a memória:

Querem ver um exemplo?

Retiram dum livro de H. Lefebvre (De lo Rural a lo Urbano): "a taberna é um ponto nevrálgico da vida social, um mundo de actividades múltiplas, encontros amigáveis, jogos diversos, informações e comunicações, as pessoas afluem à taberna mais para falar do que para beber".

E era assim um lugar privilegiado de vida associativa. Na tasca ao lado de minha casa (já lá

Na COVILHÃ a "Intervenção" vende-se na:  
A Ideal da Beira



Raiz  
e  
Utopia

Nº 17/18/19

M. Yourcenar  
Radicalismo

Prisões portuguesas

Ser (homo)sexual

Talvez o último número —  
Dizem. É pena. Muita pena.  
Deixem então cheirar, sentir,  
receber, penetrar este último  
número.

Transgressão? Normalida-  
de?

Prisões de ferro. Muralhas  
de atavismos sociais.

Demasiada raiz. Demasiada  
utopia.

MARGUERITE YOURCENAR  
EM LISBOA

"Quando vejo num campo algumas cabeças de gado ou alguns cavalos, belo espectáculo sentido desde sempre pelos pintores e os poetas como 'um idílio', mas que infelizmente se tornou raro no nosso mundo ocidental, quando me acontece ver tão-só algumas galinhas esgaratando ainda livremente no pátio de uma quinta, é certo que digo para comigo que esses animais sacrificados ao apetite do Homem, ou utilizados ao seu serviço, hão-de morrer um dia de morte violenta, degolados, espancados, estrangulados ou, segundo o antigo costume, como acontece com os cavalos que não



se destinam aos 'talhos de equídeos', abatidos a tiro, canhestramente as mais das vezes (tiro que não é quase nunca um verdadeiro 'golpe de misericórdia'),

vão mais de 20 anos!) a malta (quase todos operários), juntava-se na volta do trabalho e, em torno dum copo de três, chorava (vi muitos homens chorar!) e trocava palmadas de força, palavras de consolo, laços de solidariedade. E cantava dor e alegria.

Riam muito nas cantigas brejeiras e acenavam a cabeça batendo com os dedos fechados, nos cascos:

quem trabalha e mata a fome  
não come o pão de ninguém  
mas quem não trabalha e come  
come sempre o pão de alguém...

ou então

dizem que pareço um ladrão  
mas há muitos que eu conheço  
que não parecendo que o são  
são aquilo que eu pareço

Conhecem? É António Aleixo.

mas foi acompanhados à viola pelo ti Basílio que eu os aprendi em pequena.

E estes?

ó minha mãe dos trabalhos para quem trabalho eu? trabalho, mato o meu corpo não tenho nada de meu...

O que me fazem pensar?

não entres na igreja, ó cavador  
que é falsa a religião dessa canalha  
os santos são de pau não têm valor  
valor só se dá a quem trabalha.

Quando eu, ou alguém que não pertencia ao grupo entrava na taberna, diziam logo "há roupa na corda". Sabia que era um código, como tantos outros, para anunciar quebra na intimidade, no à-vontade: podia ser

uma criança, uma mulher, alguém em quem se não confia... talvez um "bufo".

Que substitui hoje estes espaços?

O trabalhador, cansado, fica em casa ou vai até ao café onde não é mas está silencioso, face ao pequeno écran, em que olhos e ouvidos parados, substituem corpo, alma e coração; em que a arte que exprimem, que comunica, que troca os sentires, é delegada para a miséria cultural dum televisão e para o engolir solitário de tensões e mal-estares.

Alguns não resistem. O estar colectivo é uma necessidade, a palmada nas costa do amigo torna-se imprescindível. Criam-se, desenvolvem-se clubes, associações, sociedades.

Os jovens, têm as boites, os pubs, as discotecas onde o whisky substitui agora o velho tinto, onde as relações do grupo são de certo, bem diferentes. Vantagens? Inconvenientes? Novas vidas, novos fenómenos a estar aberto...

O que há, chegará? Será suficiente para ocupar as faltas deixadas? A que novas funções se responde?

Que espaço de vida deixará em aberto o fim das tabernas?

L.S.



Mariano Pizarra

Na MARINHA GRANDE a "Intervenção" está à venda na:

Livraria Diálogo

# CONTRIBUTO

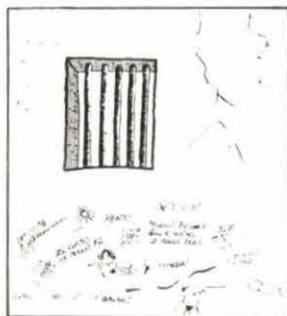
abandonados na solidão da serra, como ainda o fazem os camponeses da Madeira, ou até (em que país foi que mo contaram?) empurrados na ponta da aguilhada até ao precipício onde se despenharão, destroçados."

## PRISÕES PORTUGUESAS

A solidariedade, que cimenta a identidade social, permite que a sociedade aceite como seus o desvio, o crime e o sofrimento, de forma a que a prisão não seja uma fronteira hipócrita entre os "bons", que estão cá fora, e os "maus" que estão lá dentro. Senão toda a reforma prisional é incompreensível aos olhos de uma sociedade que não aceita facilmente que se ocupe de quem a prejudicou...

(A prisão numa sociedade democrática)  
João Fatela

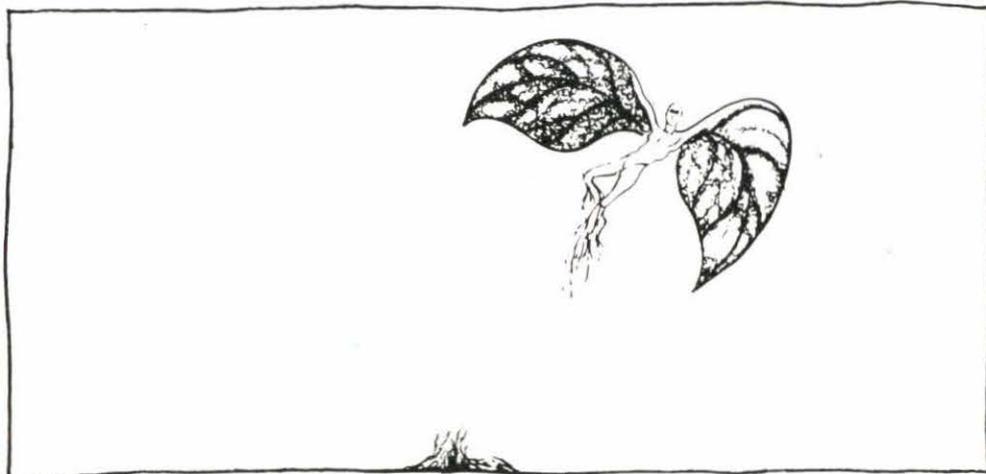
Fui menino, fui? espere lá, vou tentar recordar-me de possuí algum brinquêdo... Houve qualquer coisa houve, um carro que o meu tio António fez de umas tábuas usando como rodas uns bocádos de cortiça mais ou menos arredondada. Depois quase não tive tempo de me embêber no carrito. Mal me descuidei estava na cadeia, eu um mínimo de seis (6) anos. Pois, aguardando que o oficial de diligencias no outro dia me levasse a tótoria. Tróca-se de transportes e



Miguel Horta

eu ráspo-me ao gájo, a GNR dá alguns tiros para o ar sem sucesso acabando afinal por me recapturarem hoje mêmso. Estava traçado, teria que vir a sofrer muito por êsses Reforma-

Em ALMADA a "Intervenção" vende-se na:  
Casa Triângulo  
Deusa — Centro Comercial  
Publicações Europa-  
América  
Tab. Arcada  
Tab. Parque



tórios, espancamentos brutais e com fartura, muita fôme, trabalho para (dignificar) os bolços dos outros. Tentativas de violação já que a violentação era usada frequentemente e quase como mera curtezia, lágrimas em abundancia e um cerebro refletido de ideias vingativas. Foi touda uma educação-reeeducação que recebi de homens apontados e reconhecidos como Moralistas de Alto Relev

(Manuel Alentejano escreve a R & U)

A crise que nós atravessamos actualmente. Eu tenho onze irmãos, não tenho emprego, e vejo uma crise enorme na minha casa. Qual é o ponto, qual é a maneira que eu hei-de-me socorrer? É o furto, é a vida do crime! Se eu pedir, ninguém me dá nada!

Mas lá está! Mesmo a trabalhar, o nível de vida hoje em dia, portanto os ordenados que a gente pode ganhar são muito baixos. Mas o que está em causa é que não há trabalho, e não havendo emprego, a gente terá que se socorrer à vida do crime!

(Conversa entre dois reclusos 1978)

A imagem que o recluso tem de si mesmo assemelha-se à do recruta quando assenta praça uma farda homogênea sem qualquer estetica, despersonalizada e "standardizante". Para tratamento, um número e vulgarmente o "tu" com que os guardas se lhes dirigem — pese embora as normas vigentes contra os números, as alcunhas, o tuteamento, que nem sempre são cumpridas.

(Notas à margem da prisão de homens)  
João Carlos Sousa



## SER RADICAL

Elas (as feministas italianas) odiavam Pasolini. Odiavam esse homem que no fundo tinha explicado que reclamar uma lei sobre o aborto não era tudo, que o verdadeiro problema era o da sexualidade, com o que aliás estou de acordo.

(Repensar a palavra comunismo)  
Maria Antonietta Macchiocchi

Os radicais demonstraram nos últimos três anos uma notável eficácia na gestão do confronto e da oposição institucional, sem dúvida muito maior da que demonstraram os deputados "revolucionários". Penso que é necessário garantir uma estreita ligação entre oposição social e "dissenso" democrático, entre os direitos civis e objectivos materiais, entre movimento de massa e terreno institucional, e ainda entre um marxismo criativo e antidogmático e as correntes mais avançadas de tipo

Em CASTELO BRANCO pode encontrar a revista nas:  
Publicações Europa-  
América

democrático. Tudo isto estava já na base da convergência entre **Lotta Continua** e Radicais (e muitos outros) na experiência da "Nuova Sinistra" no Trentino Alto-Adige e isto está igualmente na base da minha candidatura como **independente** nas listas do Partido Radical, esperando que no futuro se consiga construir mesmo a nível nacional uma realidade assaz mais ampla e rica de uma **auténtica** nova esquerda. (Lotta Continua — *A la recherche du temps perdu*)  
Marco Boato

A lei é, pois, só por si, uma questão bem pequena em confronto com a vastidão, a grandeza e a dramaticidade desta situação. Às mulheres ensinou-se que ter filhos é um destino biológico e não só isso: que é necessário parir com dor e que não se deve matar um germe de vida. Tudo isto é falso. Hoje as mulheres combatem, já combateram e devem ainda combater em toda a Europa, em todo o mundo, para que a maternidade seja uma escolha livre, e o destino da reprodução não seja uma fatalidade, mas qualquer coisa que dependa de uma escolha voluntária: eu, aqui, agora, enquanto mulher, sinto poder dar uma vida e assisti-la durante a gravidez, amamentá-la, alimentá-la, segui-la nos primeiros três anos de vida em que a criança depende totalmente da mãe e mais tarde apoiá-la, ajudá-la a crescer harmoniosamente, fornecer-lhe não só assistência material, mas fornecer-lhe sobretudo amor, amor, e mais amor.

(Lutar contra uma mentalidade milenária)  
Adele Faccio



**SER (HOMO)SEXUAL**

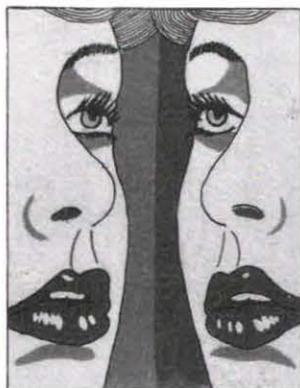
Não passei a odiar os homens. Sou perfeitamente capaz de manter relações com um homem. Não com um homem qualquer (mas também não me

sinto atraída por uma mulher qualquer). Mas de relações de obrigação, ainda que seja só obrigação moral, já não sou capaz.

No entanto, para ser inteiramente honesta, devo dizer que prefiro uma relação com uma mulher. Para mim, é muito mais pacífica. Com um homem, acaba sempre por estourar um conflito. Porque penso que ele me quer dominar? Porque eu o quero dominar? Não sei. Mas, a partir de certa altura, fico de pé atrás.

Depoimento

Elisa, 34 anos, professora



Miguel Horta

"Não vos enganéis: nem imorais, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avaros, nem maldizentes, nem os que se dão à embriaguez, nem salteadores possuirão o Reino de Deus", escreveu S. Paulo na **Epístola aos Coríntios**.

Os modernos discípulos do doutor da Igreja poderiam acrescentar: nem drogados, nem prostitutas, nem lésbicas, nem mulheres que cometem aborto. Agitando bem todos estes qualificativos, juntando uma pitada de honestidade e quanto baste de boa consciência, poderiam sintetizar: ninguém diferente de mim possuirá o Reino de Deus.

("O corpo, a lei, a diferença")  
Regina Louro

Hoje, que já se vai sabendo encarar a homossexualidade, não com um vício, mas como uma maneira de ser (fisiológica e psicológica) como outra qualquer, hoje que se vai encarando o casamento, não como uma prisão, mas como uma instituição que evolui e tenta abrir portas para formas conviviais mais alargadas, hoje que já se vai admitindo a realidade extra-sensorial e fenómenos como a telepatia e a

vidência, hoje não é de admitir que a Imprensa continue bronca como há 40 anos, a rir ou a escandalizar-se, como os nossos avós.

Que Imprensa mais saloia a nossa.

(Crónica da Manhã na RDP, em 12.1.78)

Helena Vaz da Silva

A primeira vez que me chamaram "paleiro" tive vontade de me matar. Tinha à volta de treze anos e andava num colégio de aldeia, um colégio misto. Havia uma fábrica na terra e no Verão as operárias tinham o hábito de se ir lavar ao rio, depois do trabalho. Os estudantes combinavam-se para irem espreitá-las quando se despiam. Uma vez convidaram-me e eu fui, mas enquanto os meus colegas ficavam excitadíssimos, eu achei que era uma estupidez. A seguir, recusei-me a participar na brincadeira. Foi então que um deles gritou: "O gajo é paleiro."

Depoimento

Artur, 42 anos, enfermeiro

"É evidente que acho importante que os homossexuais reivindiquem os seus direitos, na medida em que toda a gente tem o direito de viver sexualmente como bem entende. Mas acho que isso não basta. Há uma repressão da sexualidade, e não apenas da homossexualidade. E a sexualidade feminina é sempre reprimida, nunca tem o direito de se manifestar, ou apenas o tem através de uma instituição como o casamento, onde a mulher prede todo o poder e se torna uma simples máquina de fazer filhos e refeições.

"Um movimento revolucionário seria aquele que contestasse toda a padronização social. Os homossexuais podem constituir uma achega importante. Mas o seu protesto não tem uma dimensão globalizante. No fundo, reivindicar e conquistar o direito à diferença — 'deixem-nos viver assim' — é apenas uma questão humanista".

(Homossexualidade e feminismo)

Regina Louro

**Não é pena, acabar, esta revista?**

**pontualmente à quinta-feira!**

**UMA NOVA FORMA DE INFORMAR**

**ponto**

R. da Atalaia, 185-1º - 1200 Lisboa - Tel. 368602/07/15

# AS NOSSAS MEMÓRIAS...

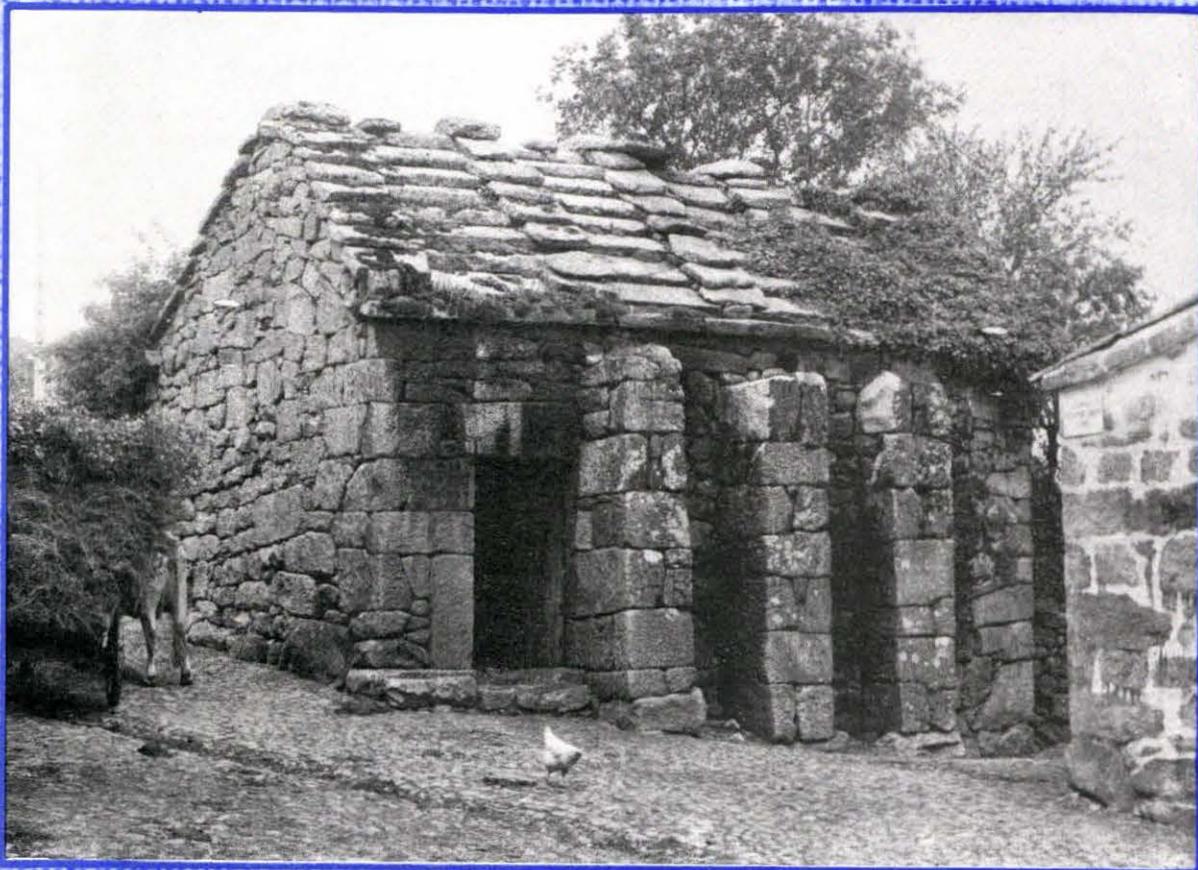


Foto: Centro de Estudos de Etnologia

Tourem — Montalegre — Forno do povo

## FORNO DO POVO

Em terras do Barroso (que fazem a transição montanhosa do Noroeste do País para o planalto transmontano), arcaizantes, de forte tonalidade pastoril e isoladas do resto do País até épocas muito próximas, encontram-se ainda — como aliás em outras partes da serra nortenha — inúmeras manifestações ou sobrevivências de organizações comunitárias caracteristicamente primitivas, como sejam: assembleias de todos os chefes de família ou representantes das casas da aldeia, para regulamentação de assuntos de interesse público — os **conselhos** ou **ajuntos** —; manadas e rebanhos comuns, de bovinos, ovinos e caprinos, pastoreados por todos os vizinhos à vez — as **vezeiras** —; e certos bens de propriedade e fruição colectiva e que são administrados pela colectividade — o touro, com a sua córte e os seus lameiros próprios; o moinho; e sobretudo o forno (de cozer o pão). Aqui, esses **fornos do povo**, que existem em todas as aldeias (e em alguns casos raros ainda em uso) são poderosos edifícios todos em granito bem aparelhado (inclusive a cobertura), de planta rectangular e paredes reforçadas com robustos "gigantes", e sem aberturas além da parte da entrada. O forno propriamente dito fica ao fundo, com a pequena boca a abrir para um espaço amplo que faz de vestíbulo, onde se situam, de cada lado, os **tendais** de pedra em que as mulheres ultimam a amassadura da massa do pão.

Por costume consagrado tradicionalmente, esse espaço, aquecido pelo calor do forno, é na aldeia, à noite, local privilegiado de convívio dos homens, que ali se juntam para conversarem e, seguidamente, o pousio dos mendigos vagabundos, a quem se dá o direito de ali pernoitarem.

Ernesto Veiga de Oliveira